



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

THAÍS VALÉRIA GUIMARÃES DOS SANTOS

**TRAUMAS, SILÊNCIO E RELAÇÕES FAMILIARES EM *PESSOAS NORMAIS*, DE
SALLY ROONEY**

**Porto Nacional, TO
2025**

Thaís Valéria Guimarães dos Santos

Traumas, silêncio e relações familiares em *Pessoas Normais*, de Sally Rooney

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Porto Nacional (CPN) – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Dra. Rejane de Souza Ferreira – UFT.

Coorientadora: Professora Dra. María Amor Barros-Del Río – UBU.

**Porto Nacional, TO
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237t Santos, Thaís Valéria Guimarães dos.

Traumas, silêncio e relações familiares em Pessoas Normais, de Sally Rooney. / Thaís Valéria Guimarães dos Santos. – Porto Nacional, TO, 2026.
75 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Letras, 2026.

Orientadora : Rejane de Souza Ferreira

Coorientadora : Maria Amor Barros- Del Rio

1. Trauma. 2. Relações Familiares. 3. Silêncio. 4. Violência Doméstica. I.
Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Thaís Valéria Guimarães dos Santos

Traumas, silêncio e relações familiares em *Pessoas Normais*, de Sally Rooney

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Porto Nacional (TO) – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, tendo sido aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira (orientadora)
Universidade Federal do Tocantins

Profa. Dra. María Amor Barros-Del Río (coorientadora)
Universidad de Burgos

Profa. Dra. Alessandra Cristina Rigonato (membro)
Universidade Federal do Norte do Tocantins

Profa. Dra. Júlia Braga Neves (membro)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Viviane Cristina Oliveira (suplente)
Universidade Federal do Tocantins

“People are a lot more knowable than they think they are.” (Rooney, 2018, p. 263)

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita desta dissertação foi um grande desafio para mim, no entanto olho para traz e sinto orgulho da jornada de aprendizado, mesmo com tantos altos e baixos que fizeram parte dessa caminhada. Passei no processo seletivo do mestrado trabalhando e foi assim durante todo o período para cursar as disciplinas e escrever a dissertação. Se você é professor e está lendo esses agradecimentos, consegue me entender bem. Não foi fácil, mas eu voltaria e faria tudo novamente. Por conhecimento, sempre vale a pena.

Agradeço aos meus pais por sempre me apoiarem e estarem presentes em minha vida. Em especial à minha mãe que sempre colocou a educação como prioridade na vida de todos os filhos. Aquela menina que vivia na biblioteca enquanto a senhora limpava a escola se apaixonou verdadeiramente pela literatura. Te amo e agradeço imensamente por tudo, mãe.

Agradeço aos meus três irmãos, Thiago, Hudson Henrique e Sophia Alice por torcerem por mim e mesmo sem entender muito da vida acadêmica, se fazerem presentes com palavras de incentivo e silêncio nos momentos que eu precisava.

Quando digo que tenho a melhor orientadora do mundo não estou exagerando. Rejane de Souza Ferreira, ou melhor, Profe, como carinhosamente gosto de chamá-la, eu espero ser pelo menos um pouquinho como a senhora na minha jornada acadêmica. Agradeço pelas horas de orientação, conselhos, ensinamentos e pelos puxões de orelha também rsrsr. Tenha certeza de que aprendi muito e serei sempre grata por tanto. Que nossa amizade e parceria dure muitos e muitos anos.

Maria Amor Barros Del Rio, minha querida coorientadora, aquela primeira conversa que tivemos em Ouro Preto girou uma chavinha na minha cabeça e sempre serei grata por isso. Muito obrigada pela paciência, pelos muitos textos e e-mails respondidos. *Gracias!*

Sempre digo que a vida acadêmica é solitária, no entanto a minha não teria sido tão divertida e emocionante sem vocês, meus queridos amigos e parceiros Ada Costa, Gustavo Gomes, João Gabriel e Leandro Wolff. Vocês são os meus presentes da UFT para a vida!

Agradeço a minha querida tia, Elisângela, que me ouviu falar de livros e ideias para artigos todas as vezes que me buscou na universidade. Obrigada por me ouvir tagarelando sem parar, sempre estar presente, por me levar no aeroporto em horários doidos ou mandar uma mensagem perguntando se estava tudo bem nas viagens que fiz para apresentar trabalho.

Essa dissertação fala muito sobre relações familiares e famílias disfuncionais, e ao contrário dos personagens que pesquiso, eu tenho uma família maravilhosa que sempre me apoia. Aos meus primos, obrigada por acreditarem em mim, mesmo quando eu estava desmotivada. Tios e tias (eu tenho muitos), vocês são os mais incríveis que eu poderia ter. Sou

muito feliz por tê-los comigo e poder chamá-los de família.

Agradeço a minha amiga de infância, Kamilla Borba. Não tenho palavras para expressar o quanto você é importante na minha vida. Seu incentivo e palavras de afirmação sempre me fazem acreditar que sou a melhor pesquisadora do mundo. Obrigada por me apoiar nos dias difíceis e por comemorar as vitórias em dias felizes.

Agradeço ao meu amigo Matheus Gouveia que me ouviu falar sobre Connell, Marianne, psicologia e tantos outros assuntos que envolveram minha pesquisa. Obrigada por ouvir tanto e por me apresentar tantos textos incríveis que fazem parte do referencial desta pesquisa.

Agradeço ao meu amigo Pedro Oliveira que leu *Pessoas Normais* a primeira vez comigo e ouviu tanto sobre os estudos irlandeses. Obrigada pelas tantas leituras compartilhadas e pelas horas me ouvindo tagarelar sobre um único parágrafo do livro sempre que eu me sentia indignada ou maravilhada. Que a vida possa nos proporcionar infinitas leituras conjuntas, passeio em livrarias e longas conversas em cafés.

Professora Alessandra Cristina Rigonato, registro minha gratidão por acompanhar minha trajetória acadêmica desde a graduação e pelas excelentes conversas que tivemos nos intervalos dos eventos em que participamos. Professora Júlia Braga Neves, agradeço pelas observações e sugestões apresentadas durante a qualificação, que contribuíram significativamente para o aprimoramento desta pesquisa. Agradeço a ambas as professoras por lerem meu trabalho, integrarem esta banca e pelas valiosas contribuições oferecidas.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar os traumas, as relações familiares e os silenciamentos que marcam profundamente a personalidade de Marianne e de Connell, protagonistas do romance *Pessoas Normais*, escrito pela irlandesa Sally Rooney. Marianne apanhava do pai quando criança e o via fazer o mesmo com a mãe. Após a morte desse agressor, as violências físicas sofridas por Marianne seguem por parte de seu irmão, Alan, enquanto sua mãe permanece omissa em meio a situação. Connell, por sua vez, não conhece o pai e demonstra não ter vontade de saber quem é seu progenitor. Criado pela mãe, eles constroem uma relação de amizade, se distanciando da tradicional relação mãe e filho. Iniciamos nossa análise identificando os traumas vivenciados por Marianne e como a presença da violência em casa marcou sua vida. Seguimos mostrando como Connell enfrenta uma tristeza silenciosa que ele mesmo não sabe explicar, por isso, identificamos os momentos que esse sentimento é demonstrado pelo personagem até chegar no ponto que desencadeia sua depressão. O intuito é entender como a vivência que os personagens tiveram em casa reflete posteriormente em suas relações amorosas e interpessoais. Para tanto, nossa pesquisa está dividida em três capítulos, o primeiro terá como foco principal o trauma e a depressão. Fazemos um levantamento dos traumas vividos por Marianne, sua relação com a violência, e da depressão de Connell, e, como isso impactou a vida de ambos na adolescência e vida adulta. No segundo capítulo, nos detemos à temática do silêncio. Fazemos um breve histórico da relação da Irlanda com o silêncio para tentar justificar a problemática que ambos os personagens têm com o diálogo, tanto no meio familiar quanto em seus relacionamentos com os outros. Por fim, no terceiro capítulo, a família é o foco. Marianne aparenta ter uma vida confortável e uma família estável, no entanto é desprezada pela mãe e sofreu com as agressões do pai e, posteriormente, de seu irmão. Esse capítulo também aborda a relação da alegoria “mãe Irlanda” com as famílias irlandesas e como isso é refletido no romance. Como referencial teórico, esta pesquisa utiliza da psicologia e da psicanálise para fundamentar a análise das relações familiares, do trauma e da depressão. Nesse sentido, as contribuições de Donald Winnicott {1965} (2023) são essenciais para compreender o papel do ambiente familiar no desenvolvimento emocional do indivíduo e os efeitos da ausência de um cuidado suficientemente bom. John Bowlby (1982), por sua vez, oferece subsídios a partir da teoria do apego, elucidando como vínculos afetivos precoces influenciam a formação da identidade e a resposta ao sofrimento psíquico. Além disso, esta pesquisa se apoia nas análises críticas de Rejane Ferreira (2014) e outros estudiosos da literatura irlandesa, que investigam como o silêncio atravessa a história e a produção literária da Irlanda nas narrativas contemporâneas de autores como Sally Rooney.

Palavras-chave: Trauma; Relações Familiares; Silêncio; Violência Doméstica, Irlanda.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the traumas, family relationships, and silences that profoundly mark the personalities of Marianne and Connell, protagonists of the novel *Normal People*, written by the Irish author Sally Rooney. Marianne was beaten by her father as a child and witnessed him do the same to her mother. After the death of this abuser, the physical violence suffered by Marianne continues at the hands of her brother, Alan, while her mother remains silent amidst the situation. Connell, in turn, does not know his father and shows no desire to know who his progenitor is. Raised by his mother, he develops with her a relationship marked by friendship, distancing themselves from the traditional mother–son dynamic. We begin our analysis by identifying the traumas experienced by Marianne and how the presence of violence at home marked her life. We then show how Connell confronts a silent sadness that he is unable to explain on his own; therefore, we identify the moments when this feeling is demonstrated by the character until it reaches the point that triggers his depression. The aim is to understand how the characters' experiences at home are later reflected in their romantic and interpersonal relationships. To this end, our research is divided into three chapters. The first will focus on trauma and depression. We examine the traumas experienced by Marianne, her relationship with violence, and Connell's depression, and how this impacted their lives in adolescence and adulthood. In the second chapter, we focus on the theme of silence. We provide a brief history of Ireland's relationship with silence to try to justify the problems both characters have with dialogue, both within the family and in their relationships with others. Finally, in the third chapter, the family is the focus. Marianne appears to have a comfortable life and a stable family, however, she is despised by her mother and suffered abuse from her father and, later, her brother. This chapter also addresses the relationship of the allegory "Mother Ireland" with Irish families and how this is reflected in the novel. As a theoretical framework, this research uses psychology and psychoanalysis to underpin the analysis of family relationships, trauma, and depression. In this sense, the contributions of Donald Winnicott {1965} (2023) are essential to understanding the role of the family environment in the emotional development of the individual and the effects of the absence of sufficiently good care. John Bowlby (1982) in turn, offers insights from attachment theory, elucidating how early affective bonds influence identity formation and the response to psychological suffering. Furthermore, this study draws on the critical analyses of Rejane Ferreira (2014) and other scholars of Irish literature, who investigate the ways in which silence permeates both the history and the literary production of Ireland, and how it is re-signified in contemporary narratives by authors such as Sally Rooney.

Keywords: Trauma; Family Relationships; Silence; Domestic Violence, Ireland.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 TRAUMA E DEPRESSÃO	19
2.1 Os traumas de Marianne e sua relação com a violência	23
2.2 Connell e sua depressão silenciosa	30
3 SILÊNCIO	39
3.1 Irlanda e o silêncio: um breve histórico	42
3.2 Marianne e Connell: ausência de diálogos	46
4 TUDO COMEÇA EM CASA.....	55
4.1 O desejo de ser amada.....	58
4.2 A ilusão de ser suficientemente amado.....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	73

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Publicado em 2018, *Pessoas Normais* garantiu à escritora irlandesa Sally Rooney fama e reconhecimento no cenário literário contemporâneo. O romance tem origem no conto *At the Clinic*, publicado pela autora em 2016 na revista *The White Review*. Dois anos depois, Rooney retoma e desenvolve os personagens e temas do conto na obra que a consagraria internacionalmente. Aclamado pela crítica, esse romance de formação deu à escritora o título de primeira grande autora *millennial*¹. Tão logo foi lançado, recebeu o *British Book Award* para livro do ano, também foi o livro de ficção do ano da *Waterstones* (2018) e dois anos após seu lançamento, ganhou adaptação para TV. A série produzida pela Element Pictures para BBC Three e o Hulu, recebeu indicações ao Globo de Ouro e ao *Emmy Awards*. Também foi vencedora de cerimônias importantes da televisão britânica, como o *17th Irish Film & Television Awards* e o BAFTA 2021. O sucesso da série chamou ainda mais atenção para o romance e para o trabalho da autora.

Sally Rooney nasceu em 1991 na pacata cidade de Castlebar, oeste da Irlanda. Seu gosto pela literatura a motivou a escolher estudar inglês na graduação. Formou-se em inglês no *Trinity College* Dublin e fez mestrado em literatura americana. É escritora de contos e romances. A autora tem quatro livros publicados, *Conversas entre Amigos* (2017), *Pessoas Normais* (2018), *Belo Mundo, Onde Você Está* (2021) e *Intermezzo* (2024). Os trabalhos de Rooney costumam abordar questões relacionadas a transição da juventude para vida adulta, demonstrando o interesse de seus personagens sobre a posição deles no mundo. Sexualidade, identidade, traumas, política e sociedade são algumas das temáticas fortemente presentes em seus textos. Sally Rooney também se identifica como marxista e busca demonstrar em suas obras o papel que o sistema de classes desempenha nos relacionamentos pessoais.

Em entrevista para o *London Review Bookshop* (2019), Sally Rooney explica suas preocupações na construção dos personagens e como é relevante para ela situá-los dentro do contexto social. Para a autora, é de extrema importância que os sujeitos estejam envolvidos em uma ou mais dinâmicas (relacionamentos interpessoais, familiar, amorosos etc.). Ela molda seus personagens considerando a realidade dos jovens irlandeses que refletem sobre seu próprio futuro, levado em consideração a crise que o país enfrenta há anos. Apesar disso, ela diz não

¹ Termo utilizado para chamar a geração de pessoas que nasceram entre 1980 e 1995. O termo *Millennials* aparece pela primeira vez no livro *Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069* publicado em 1991 pelos americanos William Strauss e Neil Howe. No entanto, a obra posterior intitulada *Millennials Rising: The Next Great Generation* (2000) dos mesmos autores foi a que tornou o termo amplamente conhecido.

ter interesse em criar personagens que reflitam diretamente a vida dos irlandeses, pois seu objetivo não é encaixar seus personagens em estereótipos associados à cultura ou realidade social da Irlanda. Temáticas feministas também são abordadas em suas obras com o mesmo enfoque, pois na Irlanda, os principais direitos das mulheres foram restringidos por muitos anos, mesmo que alguns deles tenham sido adquiridos através de várias lutas, muito ainda há para conquistar.

Os temas abordados nos romances da autora refletem uma Irlanda pós Tigre Celta que está em decadência, Barros-Del Río (2022) comenta que Rooney faz parte de uma geração de escritores irlandeses que têm explorado novos caminhos desde o declínio do país. O Tigre Celta que ocorreu em meados dos anos 1995 e se estendeu até os anos 2000², corresponde ao período de rápido crescimento econômico da Irlanda, devido a abertura do país para os investimentos estrangeiros. O nome é uma apologia aos Tigres Asiáticos. No entanto, um colapso seguiu essa exultação que desencadeou uma crise em 2008, mostrando as fraquezas desse rápido crescimento econômico. A Irlanda se reergueu em 2014, mas a oscilação econômica deixou marcas em vários setores do país e afetou os irlandeses. Os protagonistas de *Pessoas Normais*, Connell Waldron e Marianne Sheridan, simbolizam de forma verossímil a geração de jovens marcada pelas consequências da instabilidade econômica na Irlanda, especialmente no período de 2011 a 2015, quando a trama se desenrola e ao mesmo tempo, dialogam com as experiências de muitos jovens ao redor do mundo. Eles enfrentam dilemas e angústias comuns à juventude do século XXI: inseguranças afetivas, desigualdades sociais, pressões acadêmicas e questões de pertencimento.

Para ampliar o entendimento os conflitos vivenciados por Marianne, especialmente no que diz respeito às expectativas sociais impostas às mulheres, considera mos o contexto histórico e cultural da Irlanda. A Constituição Irlandesa de 1937, por exemplo, consagrava a ideia de que a mulher deveria priorizar os deveres domésticos, desencorajando sua participação no mercado de trabalho, a menos que por necessidade extrema. Tal visão reforçava a submissão feminina e atribuía ao homem o papel de protetor e provedor, moldando por décadas as relações de gênero no país. Esses valores tradicionais, ainda que contestados pelas gerações mais jovens, continuam a ecoar nas subjetividades das mulheres e em suas representações na literatura irlandesa.

² Essa data pode variar dependendo do pesquisador. Neste trabalho levamos em consideraçãoo artigo *Ireland After the Celtic Tiger: A Study in Social Injustice* publicado por Vittorio Bufacchi em 2020.

No campo literário, a experiência feminina nem sempre foi tratada de forma valorativa. Foram nas décadas de 1960 e 1970, com os movimentos feministas que houve um reconhecimento crescente do papel da mulher nas diversas esferas de estudo e expressão artística. Um exemplo clássico dessa análise social e literária é o trabalho da escritora Virginia Woolf, que, em seu ensaio *Um Teto Todo Seu* (2014) [1928], reflete sobre as dificuldades impostas às mulheres para que elas se estabelecessem como escritoras, refletindo também sobre a marginalização dos temas femininos na literatura. Woolf destaca a discrepância entre os valores dos homens e das mulheres, apontando como a sociedade prioriza os valores masculinos, deixando os interesses e sentimentos das mulheres a um segundo plano, o que se reflete tanto na realidade quanto na ficção. Embora o contexto de Woolf seja datado do século passado, seus argumentos continuam válidos, visto que muitas das questões que ela abordou ainda permanecem atuais.

A literatura irlandesa, assim como muitas outras tradições literárias, foi predominantemente dominada por vozes masculinas, e o cânone irlandês é um exemplo claro dessa exclusão. Um caso representativo ocorreu com a publicação do *Field Day Anthology of Irish Writing*, uma coletânea lançada em três volumes em 1991, que tinha como proposta reunir textos literários e culturais fundamentais para a compreensão da identidade irlandesa. Apesar de sua importância, a obra recebeu inúmeras críticas por praticamente ignorar a contribuição das escritoras. Como resposta, foi publicado em 2002 o Volume V, editado por Angela Bourke e intitulado *Irish Women's Writing and Traditions*, com o objetivo de resgatar e valorizar a produção feminina. Esse volume reúne textos de autoras irlandesas desde o período medieval até o contemporâneo e não se restringe ao cânone tradicional, incluindo também formas de expressão historicamente associadas às mulheres, como canções, narrativas orais, diários, cartas e registros folclóricos. Ao dar visibilidade a essas vozes, a antologia demonstra que as mulheres sempre participaram ativamente da construção da identidade cultural da Irlanda, ainda que tenham sido sistematicamente marginalizadas ou silenciadas. O Volume V constitui um marco para os estudos de gênero e literatura irlandesa, pois amplia a concepção de tradição literária e reposiciona a escrita feminina como parte essencial da memória cultural do país.

A escrita de Sally Rooney alcança jovens de diversas partes do mundo. Um exemplo disso é o interesse despertado em uma estudante de Literatura do estado do Tocantins, que encontrou no romance não apenas identificação pessoal, mas também um ponto de partida para sua trajetória acadêmica. Desde a infância, a literatura ocupava um lugar central em sua vida, conduzindo suas escolhas de estudo por meio da curiosidade por novos mundos, culturas e experiências. Ao ingressar na graduação, já tinha convicção de que a literatura era o caminho

que mais lhe despertava entusiasmo. Durante o curso, foi incentivada por uma professora de literatura de língua inglesa a se aprofundar nos estudos irlandeses. A partir de leituras, aulas e participação em cursos de extensão voltados para essa temática, essa aluna direcionou sua formação tanto na graduação quanto no mestrado para esse campo específico. Foi nesse contexto que teve o primeiro contato com a obra de Sally Rooney, ao buscar autores irlandeses contemporâneos que tratassem de temáticas próximas às que a referida professora já vinha pesquisando. A leitura de *Pessoas Normais* provocou nela um forte impacto, despertando sentimentos ambíguos sobre relações familiares, afetivas e as fragilidades típicas da juventude. Sua experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, durante quase dois anos, proporcionou um contato próximo com adolescentes e seus relatos por meio das oficinas de escrita. Ao corrigir os textos dos alunos, pôde perceber traços de suas vivências emocionais, familiares e afetivas, que de certo modo ecoavam os conflitos lidos no romance de Rooney. Com o tempo, outras questões presentes no livro foram despertando inquietações, levando-a a eleger *Pessoas Normais* como objeto de pesquisa acadêmica.

O número de pesquisas e estudos sobre a obra em outras línguas é bastante expressivo com análises, críticas, dissertações e resenhas acadêmicas. Destacam-se os textos da professora e pesquisadora María Amor Barros-Del Río intitulados: *Sally Rooney's Normal People: the millennial novel of formation in recessionary Ireland* e *Irish Youth, Materialism and Postfeminism: The Critique behind the Romance in "Normal People"* que são usados como referência nesta pesquisa. Apesar da produção acadêmica sobre Sally Rooney em português ainda ser menos expressiva que a estrangeira, a autora tem se consolidado como um tema de pesquisa relevante no Brasil. Nos últimos quatro anos, sua obra tem sido objeto de análise em trabalhos acadêmicos como resenhas, dissertações e trabalhos de conclusão de curso. Pesquisas recentes, por exemplo, investigam o romance sob a perspectiva do *bildungsroman* ou das transformações do sujeito em meio a crises sociais e familiares³.

Apesar desses avanços, o romance tem muito a ser explorado na academia, como por exemplo, estudos que aprofundem a análise dos personagens de forma individual. É a isto que esta pesquisa se propõe examinando os protagonistas de modo particularizado e focando em seus traumas e suas relações familiares.

³ Alguns trabalhos encontrados sobre a obra: *Pessoas normais, de Sally Rooney: Um Romance de Formação no Século XXI* (2023), de Mauro Athayde Paz (PUCRS), *Tempos e espaços da Irlanda: transformações do sujeito na crise do milênio em Normal People, de Sally Rooney* (2025), de Bárbara Moreira Bom Angelo (USP).

A escolha da obra também se justifica pelas particularidades da estrutura narrativa e das técnicas de escrita utilizadas por Sally Rooney. *Pessoas Normais* é dividido em seções, e a trama se desenrola ao longo de quatro anos. Cada seção é intitulada com o mês e o ano em que os eventos ocorrem, o que contribui para a construção de um senso de progresso e amadurecimento na trajetória de Marianne e Connell. Ainda que o tempo presente domine a narrativa, há um entrelaçamento constante com as perspectivas subjetivas dos protagonistas, seus sentimentos, pensamentos, aflições e desejos, revelados ao leitor de maneira íntima e envolvente. Outro aspecto marcante da escrita de Rooney é a ausência de travessões e pontuações tradicionais nas falas dos personagens. Essa escolha estilística confere à narrativa um fluxo contínuo, semelhante ao de um diário, intensificando a sensação de proximidade e imersão. Nesse sentido, o romance se destaca não apenas pelos temas que aborda, mas também pelas estratégias narrativas que utiliza. Como observa Barros-Del Río (2022), o realismo que permeia os romances da autora permite a implementação de técnicas associadas à tradição modernista, como o monólogo interior e o fluxo de consciência, contribuindo para a densidade psicológica dos personagens e a complexidade emocional da narrativa.

Pessoas Normais também é considerado como um romance de formação contemporâneo. Esse tipo de romance, também conhecido *Bildungsroman*, tem origem na Alemanha do século XVII, com intuito de aprimorar o jovem de família burguesa, seu desejo de aperfeiçoamento como indivíduo e como classe. O gênero tradicionalmente se concentrava no desenvolvimento do jovem protagonista, desde a adolescência até a maturidade, geralmente enfatizando sua busca por identidade, integração na sociedade e compreensão de seu papel no mundo. Ao longo dos séculos o gênero foi se modernizando com mudanças significativas em sua construção. O foco passou de uma abordagem linear e moralista para um olhar mais crítico e multifacetado sobre a identidade, a sociedade e o indivíduo, assim como podemos observar na construção de Marianne e Connell, em *Pessoas Normais*. Barros-Del Río, no artigo “*Sally Rooney’s Normal People: The Millennial Novel of Formation in Recessionary Ireland*”, já mencionado, explica que a forma *Bildung*, no contexto pós-colonial irlandês, surgiu como um discurso de resistência, no qual o indivíduo era incapaz de encontrar seu lugar em uma Irlanda nacionalista e católica. As rápidas transformações causadas pela globalização, bem como as dificuldades em adaptar o romance de formação às características da modernidade líquida contemporânea, deram origem a expressões literárias sem precedentes. A autora afirma que essas novas obras voltam seu olhar para a crise social e política evidente e para seus efeitos sobre os indivíduos, em uma escala mais ampla e global. Dessa forma, *Pessoas Normais* altera

elementos essenciais da forma *Bildung* para se adaptar ao contexto irlandês atual e assim, designar sua própria forma de romance de formação.

Sally Rooney explora com sensibilidade ímpar as complexas dinâmicas familiares e os silenciamentos históricos do seu país. Através de Marianne, uma das protagonistas, a autora toca em temas profundos como a violência doméstica, os traumas familiares e os efeitos devastadores da repressão emocional vivida pela jovem. No desenvolvimento do outro protagonista, Connell, Rooney constrói um personagem que lida com a fragilidade emocional, a ansiedade e a depressão, refletindo a realidade de um jovem inserido em uma família disfuncional. Embora estabeleça uma relação de amizade com a mãe, ele permanece distante do pai, sem desejo de estabelecer qualquer contato com ele, o que evidencia a falta de apoio emocional e a ausência de um modelo paterno em sua vida. A fragilidade de Connell é retratada no romance por meio de uma tristeza inexplicável, que aos poucos vai se desvelando, e pela pressão constante que ele sente para ser aceito e aprovado por todos ao seu redor. Essa luta interna cria uma tensão que permeia toda a narrativa. Diante disso, consideramos relevante construirmos uma reflexão profunda sobre os efeitos do silêncio e da repressão, bem como sobre as dificuldades de comunicação e os dilemas emocionais que marcam a juventude contemporânea.

Os jovens irlandeses Marianne e Connell são colegas de turma no ensino médio e vivem na pequena cidade fictícia de Carricklea, em Sligo. No romance, acompanharemos a transição da adolescência para vida adulta desses protagonistas. Durante o ensino médio, Connell é o jogador famoso, popular na escola com bom rendimento nas disciplinas. Apesar de muito inteligente, Marianne não se adapta à escola na qual estuda, por isso permanece reclusa na maior parte do tempo e é vista pelos colegas como esquisita e peculiar. Os dois se aproximam nesse período, pois além de colegas de turma, a mãe de Connell trabalha para família de Marianne. Um envolvimento silencioso e as escondidas começa durante o ensino médio, nas idas e vindas de Connell quando vai buscar a mãe no trabalho e nos momentos a sós que os dois passam nesse período. Na escola eles se comportam como completos estranhos. Ambos sustentam esse envolvimento amoroso até o final do ensino médio. Na graduação os papéis são invertidos, Connell não é conhecido por ninguém e Marianne é popular entre os novos colegas. A situação financeira de Connell dificulta que ele se enturme com os colegas da faculdade, pois precisa trabalhar nos momentos livres e não consegue socializar sempre que é convidado. Marianne, por sua vez, já tinha uma vida abastada e agora sem supervisão da família, se acende no meio dos novos colegas e é a garota popular e descolada. Sua situação financeira favorece sua ascensão na universidade. O reencontro dos dois acontece como colegas de faculdade no *Trinity*

College, em Dublin. O casal segue um relacionamento amoroso complicado cheio de idas e vindas, no entanto uma relação mais profunda de amizade e dependência um do outro é desenvolvida no decorrer dos capítulos. Ao longo das páginas conseguimos observar que Marianne tem uma visão distorcida sobre amor. Ela não se sente querida pela família e acha que o amor está relacionado a agressão e submissão, visto que foi criada em um lar agressivo. Connell, relata no início do romance que às vezes uma tristeza repentina toma conta de seus dias, esse sentimento que ele não sabe bem definir, desencadeia em uma depressão após a morte de um amigo próximo.

Esta dissertação propõe uma análise crítica das vivências traumáticas de Marianne e da depressão silenciosa de Connell, personagens centrais do romance *Pessoas Normais*, de Sally Rooney. O primeiro capítulo, intitulado “Trauma e Depressão”, investiga os impactos da violência emocional e física na trajetória de Marianne, bem como o sofrimento psicológico de Connell, frequentemente marcado pelo silêncio e pela dificuldade de verbalizar seus sentimentos. A abordagem considera, ainda, como esses conflitos individuais se entrelaçam com uma herança histórica mais ampla da Irlanda, país cuja narrativa coletiva é atravessada por traumas sociais, repressões afetivas e silêncios institucionais.

No segundo capítulo, “Silêncio”, será traçado um breve panorama histórico e cultural desse elemento na sociedade irlandesa, recorrente tanto na literatura quanto na vida cotidiana do país. A partir disso, pretende-se compreender de que modo esse silêncio estruturante molda as experiências emocionais dos protagonistas, influenciando suas dificuldades de comunicação, suas relações interpessoais e suas percepções de pertencimento.

Por fim, o terceiro capítulo, “Tudo começa em casa”, discute as formas de amor e validação buscadas por Marianne e Connell em suas relações íntimas. Analisaremos o desejo de Marianne de ser amada por seus parceiros, mesmo que isso implique relações abusivas, e a constante ilusão de Connell de ser plenamente aceito e amado, mesmo se sentindo deslocado.

Ao longo dos capítulos, a análise segue uma estrutura que contempla os dois protagonistas separadamente, primeiro Marianne, em seguida Connell, permitindo observar, em paralelo, as semelhanças e divergências em suas trajetórias psíquicas, sociais e afetivas.

2 TRAUMA E DEPRESSÃO

Embora, às vezes, pareça que não temos nenhuma escolha. Se não passarmos novas demãos de tinta em todos os fronts constantemente, o vento e o tempo vão se infiltrar e ruir todos os feitos de dezenas de gerações da família. Uma boa vida exige boa manutenção.

- Lisa Wingate, *Segredos de Família*

Pessoas Normais traz em seu eixo o trauma, o silêncio e a depressão como pilares de sua construção, Sally Rooney expõe traumas sociais e familiares, por isso discorreremos, neste capítulo, sobre esses temas. A temática do trauma na literatura tem sido explorada de diversas maneiras ao longo do tempo, refletindo o poder que a escrita tem de capturar experiências humanas dolorosas e complexas. O termo trauma tem raízes na palavra grega “trauma” que pode significar ferida ou lesão. Inicialmente a palavra era usada em contextos médicos para se referir a alguma desgraça física, no entanto, com o passar do tempo, o termo foi ampliado e passou a incluir experiências emocionais e psicológicas. Na psicologia, uma das primeiras referências ao termo “trauma” surgiu na obra de Pierre Janet, *L’Automatisme Psychologique*, publicada no final do século XIX. Gradualmente, a palavra passou a designar não apenas uma ferida física, mas também o processo de cicatrização que se segue a um acidente. Assim, o trauma é concebido como uma ruptura da pele ou do envelope protetor do corpo, resultando em uma reação catastrófica que afeta o organismo como um todo. O termo passou a ser associado a experiências que causavam sofrimento emocional profundo, como guerras, desastres naturais e abusos. O trabalho de estudiosos como Sigmund Freud e outros teóricos ajudou a popularizar a ideia de que traumas não são apenas feridas físicas, mas também experiências que podem afetar a saúde mental de uma pessoa. Na atualidade, o termo é amplamente utilizado na medicina, psiquiatria e na psicologia para descrever tanto feridas físicas quanto impactos emocionais resultados de eventos estressantes. Madalina Armie e Veronica Membrive afirmam que “o impacto do trauma e dos seus ecos, memória e silêncio, é tal que alguns consideram que as gerações contemporâneas habitam um século do trauma, uma cultura do trauma, um paradigma do trauma ou um império do trauma⁴” (2023, p.20).

O trauma quando tema central de narrativas literárias, proporciona uma lente através da qual os escritores exploram a psique humana, a resiliência e as consequências devastadoras de

⁴ *The impact of trauma and its echoes, memory and silence, is such, that some consider contemporary generations to “inhabit a ‘century of trauma’, a ‘trauma culture’, a ‘trauma paradigm’, or an ‘empire of trauma’.* Tradução nossa, assim como as demais traduções que seguem ao longo dessa dissertação, exceto quando indicado.

eventos traumáticos. O trauma pode ser representado não apenas como um evento específico, mas como um estado persistente de dor emocional e psicológica que permeia a vida dos personagens. Além disso, a literatura também serve como uma forma de testemunho e de enfrentamento do trauma histórico e coletivo. Narrativas que abordam eventos como guerras, genocídios, escravidão e desastres naturais muitas vezes visam não apenas registrar esses eventos, mas também ampliar nossa compreensão das consequências psicológicas e emocionais de tais experiências. Terry Eagleton no livro *Teoria da Literatura: uma introdução* (2019) [1983], comenta que não podemos conceituar literatura com um conceito fixo, pois ela, depende de contextos históricos, culturais e sociais. Para o autor, o que é considerado literário pode variar ao longo do tempo e de uma sociedade para outra.

O tema do trauma na literatura irlandesa é rico e multifacetado, refletindo a complexa história social, política e cultural da Irlanda. A literatura desse país frequentemente aborda traumas coletivos e individuais, especialmente relacionados a eventos históricos como a Grande Fome, as guerras pela independência e os conflitos relacionados a dominação e a instituição das igrejas Católica e Anglicana. Notório escritor irlandês a abordar o trauma de forma significativa nas instâncias social e individual é James Joyce. No início do século XX, ele faz isso em suas principais obras e os demais os autores, posteriores a ele, exploraram a temática do trauma em suas diferentes facetas. Edna O'Brien, por sua vez, é a primeira mulher a experienciar essa abordagem de forma notória já se destacando com seu romance de estreia, *The Country Girls* (1960), que posteriormente se tornou o primeiro da trilogia homônima⁵, e causou polêmica na Irlanda por abordar de forma direta a vida sexual e emocional de duas jovens católicas irlandesas buscando liberdade e prazer em Londres. O livro foi considerado escandaloso por falta de religião e presença de pornografia. A venda foi proibida em várias livrarias em Dublin e cópias do romance foram queimadas em sua cidade natal. A reação contra *The Country Girls* foi tão forte que O'Brien foi amplamente criticada e marginalizada pela sociedade irlandesa na época. Sentindo-se perseguida, a autora exilou-se em Londres, onde viveu até a data de seu falecimento, em 2024. Apesar da retaliação que enfrentou, a autora não parou de escrever e continuou expressando sua opinião para com a condição da mulher na sociedade.

Outra irlandesa de destaque que também explora a temática do trauma é a escritora Anne Enright. Ela explora as complexidades da condição humana, especialmente no contexto das

⁵ O segundo livro da trilogia se intitula *The Lonely Girl* (1962) e o terceiro *Girls in Their Married Bliss* (1964). Apenas o primeiro tem tradução para língua portuguesa, tendo sido publicado em Portugal em 2010, com o título *Raparigas da Província*.

relações familiares e das emoções individuais. *The Gathering*⁶ (2007), seu romance vencedor do Man Booker Prize, retrata através de uma narrativa não linear, a profundidade das relações familiares, os efeitos do passado sobre o presente e o luto. A escrita da autora é marcada pela sensibilidade, profundidade emocional e habilidade ímpar de dissecação psicológica. Esses romances são apenas alguns dos exemplos nos quais podemos observar que os escritores irlandeses usam da literatura para retratar a realidade de seu país, seja direta ou indiretamente.

Conforme apresentado nas considerações iniciais, Sally Rooney não se preocupa em tratar de temas relacionados a sociedade irlandesa de forma direta ou tenta reparar traumas do passado vividos pelos irlandeses em suas obras, mesmo assim, é impossível não fazer essa associação se levarmos em consideração o contexto histórico da Irlanda, sobretudo quando a autora explora as consequências político-econômicas do pós Tigre Celta caracterizado por “uma vida mais estressante na Irlanda, com pessoas trabalhando por longas horas, negligenciando suas famílias e mais pessoas sofrendo de depressão⁷” (Bufacchi 2020, p.118). Apesar de não demonstrar essa preocupação, em todos os livros de Rooney podemos notar a presença desses traumas que ainda estão presente na vida da sociedade irlandesa de modo geral. Madalina Armie e Veronica Membrive comentam acerca da importância da literatura nesse processo:

A literatura capta, interpreta e traduz em arte o que às vezes é inefável, o que está dentro, o que de outra forma poderia permanecer imperceptível, não pronunciado. Em uma época de transformações rápidas e de longo alcance na sociedade irlandesa e na literatura irlandesa, vozes masculinas e femininas antigas e emergentes problematizam a realidade da vida e das identidades das mulheres, suas leituras por meio de estereótipos rígidos e suas limitações. É assim que eles lidam com os traumas, memórias e silêncios das mulheres que foram – e alguns deles ainda são – frequentemente omitidos. (Armie e Membrive, 2023, p. 2)⁸.

Através da literatura, os autores irlandeses transformam o trauma em arte. A dor silenciada pela realidade, muitas vezes abafada pelo meio, ganha voz na ficção. Escrever se torna um grito sussurrado entre as linhas, uma forma de desvelar o que não permite ser dito, mas que, imortalizada nas páginas dos livros, não pode mais ser calada.

⁶ A edição em português se chama *O Encontro* e foi traduzida por José Rubens Siqueira e publicada em 2008 pela editora Alfaguara.

⁷ “*Because of the Celtic Tiger, life became more stressful in Ireland, with people working longer hours to the neglect of their families, and more people suffering from depression.*”

⁸ “*Literature captures, interprets and translates into art what is at times ineffable, what is inside, what otherwise might remain imperceptible, unuttered. At a time of rapid and far-reaching transformations in Irish society and Irish literature, old and emerging male and female voices problematise the reality of women’s lives and identities, their readings through rigid stereotypes and their limitations. This is how they tackle women’s traumas, memories and silences that were – and some of them still are – frequently omitted from the official agendas of the Republic and Northern Ireland.*”

Uma das consequências oriundas do trauma é a depressão. Na etimologia, a palavra depressão tem origem no latim. Deriva-se do termo *depressio*, que é composto por "de-" (para baixo) e *premere* (pressionar, esmagar). Deste modo, *depressio* pode ser entendido como uma ação de pressionar para baixo, o que reflete a sensação de peso ou queda associada ao estado depressivo. Ao longo dos séculos, a evolução do termo manteve essa conotação de um estado emocional rebaixado ou oprimido, característico da condição clínica que conhecemos hoje. Segundo Diane E. Papalia (2022) a depressão pode ser caracterizada de inúmeras formas:

O humor depressivo é um período de tristeza prolongado. A síndrome depressiva é um período prolongado de tristeza juntamente com uma variedade de outros sintomas como choro e sentimentos de inutilidade ou impotência. Um transtorno depressivo maior, em contrapartida, é um diagnóstico clínico com um conjunto específico de sintomas, é considerado o mais sério e geralmente requer intervenção médica. (Papalia, Diane E. 2022, p. 1050).

Quando falamos de dados mundiais, a depressão é um transtorno comum em todo o mundo. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), a depressão é a principal causa de incapacidade em todo ao redor do planeta e mais de 300 milhões de pessoas, de todas as idades, sofrem com ela. Pode causar à pessoa afetada grande sofrimento e disfunção no trabalho, na escola ou no meio familiar e na pior das hipóteses, pode levar ao suicídio. Na adolescência (10 a 19 anos), os dados relacionados à depressão também são altos. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que 14% dos adolescentes convivem com um transtorno mental.

Atualmente, a depressão é reconhecida como uma condição complexa, influenciada por fatores genéticos, biológicos, psicológicos e sociais. O tratamento inclui psicoterapia, medicação e abordagens integrativas, refletindo uma compreensão mais holística do que é a depressão e como ela pode ser tratada. Ela pode apresentar de várias formas no adolescente, Diane E. Papalia (2022) salienta:

A depressão em pessoas jovens não se manifesta necessariamente como tristeza, podendo se manifestar como irritabilidade, tédio ou incapacidade para experimentar prazer. Pelo menos 1 em cada 5 pessoas que experimentam surtos de depressão na infância ou na adolescência correm risco de vira apresentar transtorno bipolar, quando episódios depressivos (períodos de "baixa") se alternam com episódios maníacos (períodos de "alta"), caracterizados por aumento de energia, euforia, grandiosidade e ousadia (Papalia, Diane E. 2022, p. 924).

Outra problemática importante que envolve a depressão é a ansiedade. Embora ansiedade e depressão sejam distintas, muitas vezes estão interligadas. A ansiedade pode, por exemplo, ser um sintoma precursor da depressão, ou uma pessoa pode desenvolver um transtorno de

ansiedade como uma forma de lidar com sentimentos depressivos. Em outros casos, a ansiedade pode agravar a depressão, tornando o tratamento mais complexo.

No romance que é foco desta pesquisa, Marianne e Connell, protagonistas da trama, sofrem com trauma e depressão, respectivamente. Marianne desenvolve uma relação disfuncional com a violência, vive em um lar agressivo desde pequena e quando adulta, demonstra gostar de apanhar de seus namorados durante as relações sexuais. Por outro lado, Connell enfrenta uma tristeza que não sabe nominar e tem várias crises de ansiedade que são descritas por ele ao longo do romance. O silêncio do protagonista diante de sua ansiedade e das crises consequentes, desencadeia uma depressão, após suicídio de um amigo próximo. A seguir, trataremos de cada um desses personagens separadamente.

2.1 Os traumas de Marianne e sua relação com a violência

A violência contra a mulher é um tema crítico que envolve diversas dimensões, dentre elas a física, psicológica, sexual e econômica. Essa questão permeia diferentes culturas e sociedades, sendo um reflexo de desigualdades de gênero profundamente enraizadas no mundo em que estamos inseridos. Historicamente, as mulheres têm enfrentado inúmeras formas de abuso, o que se manifesta em taxas alarmantes de violência doméstica, assédio sexual e feminicídio. Dados disponibilizados no site da Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2021, revelam que a violência contra as mulheres continua devastadoramente generalizada e começa na juventude. Ao longo da vida, uma em cada três mulheres, cerca de 736 milhões, é submetida à violência física ou sexual por parte de seu parceiro ou violência sexual por parte de um não parceiro.

Em *Pessoas Normais*, diversas violências acompanham a vida de Marianne. Apesar de ter uma vida abastada, com pais instruídos e reconhecidos em suas carreiras, Marianne vive grandes desafios em casa com agressões sofridas inicialmente por parte do pai e, posteriormente, pelo irmão, Alan. A relação com a violência tem início na infância, quando presencia o pai bater na mãe e fazer o mesmo com ela: “Meu pai batia na minha mãe, ela conta. Por alguns segundos, que parece um tempo inacreditavelmente longo, Connell se cala. Então ele diz: Nossa. Eu sinto muito. Não sabia disso. Tudo bem, ela diz. Ele batia em você? Às vezes” (Rooney, 2018, p. 48). A família tem o papel principal na formação de todo indivíduo, é da família que se espera a principal fonte de apoio e, para muitas pessoas, um dos aspectos mais valorizados da vida, contudo, Marianne era vítima dos homens de sua família e não podia contar com o apoio de sua mãe que naturalizava os maus tratos submetidos a ambas. Assim, o

trauma vivenciado por Marianne começa com a quebra de confiança que ela teve com seus pais. Marlene Strey salienta que “o papel da família é crucial, tendo em vista que é a primeira a ensinar e a ditar modelos, com base na satisfação das necessidades dos membros” (2007. p. 22-23). É importante mencionar que relações familiares pautadas em violência geram um ciclo que se reproduz continuamente dentro do espaço doméstico, formando uma espécie de pirâmide de violência que não se finda. Nessa dinâmica, cada agressão reforça a anterior, perpetuando práticas abusivas que afetam não apenas as vítimas diretas, mas também as demais pessoas da casa, criando um ambiente marcado pelo medo, pela repressão e pela impossibilidade de romper, de forma espontânea, com esse padrão:

...pode ser iniciado um verdadeiro circo de horrores, quando as relações mantidas dentro da família podem ficar mediadas pela pedagogia da violência. Isto é, cria-se o costume de se conseguir o que quer por meio da violência. O marido bate na mulher, a mulher bate nos filhos, os filhos e filhas brigam entre si e com os demais, todos utilizando estratégias violentas. E todos e todas aprendem que a violência pode ser um estratagema bastante válido e, às vezes, único, para seguir adiante na vida. (Strey, 2007, p. 32)

Mesmo após a morte do pai, o circuito de violência que estrutura a experiência de Marianne permanece ativo. Alan, seu irmão, assume o lugar de agressor, reiterando práticas abusivas que vão desde agressões físicas motivadas por situações triviais até formas sutis e persistentes de violência psicológica. Dessa forma, observamos como a violência doméstica se inscreve como um padrão que atravessa a trajetória da personagem:

Ele a segura pelo braço e a afasta da porta com um puxão. Ela sente o maxilar ficando tenso. Os dedos dele apertam seu braço por cima do casaco.
Se for chorar pra mamãe por causa disso, diz Alan.
Não, diz Marianne, não. Só vou sair pra dar uma volta. Obrigada. (Rooney, 2018, p.16)

As agressividades de Alan se intensificam com o tempo, e ele começa a usar objetos para machucar Marianne, como o telefone, quando Marianne não quis falar ao telefone com o Connell na frente de Alan. O objetivo de seu irmão era apenas diminuí-la, especialmente porque ela havia tirado uma nota um pouco inferior à de Connell nas provas finais. “[O] rosto de Alan adquire uma expressão selvagem de fúria, com a parte branca dos olhos aparecendo por inteiro. Ele enfia o telefone com mais força no esterno dela, machucando-a” (Rooney, 2018, p. 64). No decorrer da leitura, percebemos que o irmão de Marianne carrega mágoas por não conseguir se destacar tanto quanto ela. Marianne irá para faculdade e não morará mais em Carricklea, seu futuro poderá ser definido por ela longe da pequena cidade, enquanto Alan permanece

trabalhando no escritório da família. Conseguimos perceber que ele deseja amedrontar e inferiorizar as conquistas de Marianne. Palavras que não sejam de provocação ou ameaça não partem dele em direção à irmã: “Na última vez que fui para casa meu irmão me disse que eu devia me matar... Ele falou que ninguém teria saudades de mim se eu morresse porque não tenho amigos.” (Rooney, 2018, p. 182). Strey afirma que “quando as pessoas aprendem dentro da família a resolver seus conflitos e problemas por meio da violência, essa passa a ser o padrão que rege seu comportamento” (2007, p. 33), Alan repetia o comportamento do pai e Marianne passa a acreditar que realmente merecia aquele tratamento:

Às vezes eu acho que devo merecer mesmo. Do contrário não sei por que isso aconteceria. Mas se ele está de mau humor, ele fica me seguindo pela casa. Não tenho o que fazer. Ele simplesmente vai entrando no meu quarto, não interessa se eu estou dormindo nem nada... Ele já te bateu? Às vezes... Para ser sincera, eu nem ligo muito. As coisas psicológicas são mais desmoralizantes. (Rooney, 2018, p. 183)

A constância da violência faz com que Marianne ache que mereça o tratamento que recebe em casa. A dor física não importa tanto, as palavras doem mais para ela. Se acostumar com as agressões do irmão fazem com que Marianne sofra mais com a violência psicológica. Segundo Carvalho, Monteiro e Alarcão a violência psicológica parece ser, de fato, potencialmente mais prevalente e destrutiva do que outras formas de abuso, pois muitas vezes ocorre de maneira sutil, sem sinais visíveis, o que a torna difícil de ser identificada. As autoras afirmam que é difícil e complexo deter esse comportamento entre irmãos visto que é aceito até mesmo pelos pais como “rivalidade fraterna” (2012, p. 377). Podemos observar tal fato no romance quando na época de Natal familiares vão para casa dos Sheridan e Alan se sente nervoso e ansioso nas conversas em que as boas notas de Marianne são colocadas em foco. Após os parentes irem embora, Alan questiona a irmã sobre o ocorrido e a chama de patética. Nessa cena, ele a puxa com violência e cospe na cara da irmã. Dias depois, em conversa com a mãe, Marianne comenta o ocorrido que é tratado com naturalidade pela mãe: “Denise deu um sorriso de lábios contraídos. Se você não aguenta um pouco de rixa entre irmãos, não sei como vai aguentar a vida adulta, querida, ela disse” (Rooney, 2018, p. 146). O ápice da violência por parte do irmão acontece nas últimas páginas do romance quando Alan bate à porta no rosto de Marianne após uma discussão dos dois. A discussão se inicia quando ela chega em casa e Alan está incomodado por Marianne estar envolvida com Connell que está tomando antidepressivos. Alan se preocupa com o falatório na cidade e Marianne diz não se importar. No corredor da casa na cozinha “...Alan levanta o braço e atira a garrafa nela” (Rooney, 2018, p. 237). Marianne corre para seu quarto e nesse momento o irmão empurra a porta com força:

Então ele dá chutes na porta. O corpo dela vibra com a adrenalina. Sua aberração! Alan diz. Abre a porra da porta, eu não fiz nada. [...]

De repente, sente a maçaneta escapar da mão e antes de conseguir se afastar da porta, ela se abre com um baque. Ouve um ruído de quebra quando faz contato com seu rosto, depois uma sensação estranha dentro da cabeça. Dá passos para trás enquanto Alan entra no quarto. Escuta um zumbido, mas não é exatamente um som, e sim uma sensação física, como a fricção de dois pratos de metal imaginários em algum lugar dentro de seu crânio. O nariz está escorrendo... Sua mão vai ao rosto. O nariz está escorrendo sem parar. Quando afasta a mão, vê que os dedos estão cobertos de sangue, sangue morno, molhado... O sangue deve estar vindo do rosto. Sua visão nada na diagonal e a sensação de zumbido aumenta.

E agora, você vai botar a culpa disso em mim?, diz Alan.

Ela leva a mão de volta ao nariz. O sangue escorre de seu rosto tão rápido que não consegue contê-lo com os dedos. Desce pela boca e cai até o queixo, ela sente. Ela o vê aterrissando em gotas grossas nas fibras azuis do carpete. (Rooney, 2018, p. 238 e 239).

Apesar de saber que é culpado pela situação, Alan tenta se inocentar no momento do ocorrido. O comportamento do personagem reafirma a vivência que teve em casa com a relação dos pais, Alan repete o ciclo de violência que presenciou durante toda sua vida e faz da irmã sua vítima para tentar aplacar suas próprias fragilidades. As noções que têm sobre violência doméstica foram moldadas em casa, ainda na infância, muito provavelmente Alan também presenciou o pai bater na mãe assim como aconteceu com Marianne. No entanto, pode-se observar que o receio constante de o personagem ser descoberto ao tentar ocultar suas atitudes revela, de forma implícita, sua consciência de que está agindo de maneira errada. Alan, muito provavelmente, tem plena noção da inadequação de seu comportamento, o que se evidencia no esforço recorrente de justificar-se, seja buscando se eximir de culpa, seja insistindo em que suas ações em relação à irmã seriam corretas ou até mesmo legítimas. Essa necessidade de autopreservação discursiva demonstra não apenas a consciência de sua transgressão, mas também o conflito interno entre aquilo que faz e aquilo que sabe ser moralmente condenável.

Infelizmente a relação com a violência não se finda em casa, Marianne também sofre agressões fora dela. Para ela, a escola é um lugar opressivo, não entende o fato de os colegas gostarem e se adaptarem com a mesmice da rotina escolar: “parecia tão obviamente insano que precisasse vestir uma fantasia todas as manhãs e fosse arrebanhada dentro de um prédio enorme todos os dias, e que não tivesse permissão nem para desviar os olhos para onde quisesse...” (Rooney, 2018, p.19). Apesar de muito inteligente e manter ótimas notas, Marianne não é bem aceita pelos colegas, não tem amigos e é vista por todos como estranha por não se enturmar. Além do *bullying* que sofre, os colegas a acusam de ter problemas mentais causados pela morte do pai. Após iniciar um relacionamento secreto com um colega de classe que é famoso entre a

turma da escola, Marianne começa a se envolver nas atividades escolares, o que a faz se sentir aceita em meio aos colegas. Ela passa a participar do ciclo escolar, e percebe que está mais integrada ao grupo, sentindo-se como parte da equipe em meio a essa nova dinâmica social, a ponto de fazer parte da organização de uma festa promovida para arrecadação de fundos destinado ao baile, mesmo assim, ela é vítima de assédio sexual por parte de um estranho nessa festa.

E um só movimento ele desce a mão do ombro e aperta a carne de seu seio direito na frente de todo mundo. Ela instantaneamente se desvencilha dele, puxando o vestido até a clavícula, sentindo o rosto tomado pelo sangue. Seus olhos ardem e ela sente dor no local onde ele a apertou. Os outros riem pelas costas dela. Ela os ouve. Rachel está rindo, um barulho agudo e aflautado nos ouvidos de Marianne.

Sem se virar, Marianne sai porta afora, deixa que ela bata depois de passar. Agora está no corredor da chapelaria e não se lembra se a saída é para a direita ou para a esquerda. Seu corpo inteiro treme. A atendente da chapelaria pergunta se ela está bem. Marianne já não sabe o grau da sua embriaguez. Dá alguns passos na direção à portada esquerda, apoia as costas na parede e começa a escorregar até ficar sentada no chão. O peito dói onde o homem apertou. Ele não estava de brincadeira, queria machucá-la. Agora ela está no chão abraçando os joelhos contra o peito. (Rooney, 2018, p. 44 - 45)

Os colegas que se mostraram amigáveis durante a festa revelaram-se omissos e despreocupados diante da humilhação pública de Marianne, a qual, mais uma vez, sofreu a naturalização da violência da qual fora vítima por parte daqueles que, em princípio, deveriam ser companheiros ou demonstrar o mínimo de incômodo. O que se espera de uma relação de amizade ou proximidade é justamente o amparo e a proteção, todavia, paradoxalmente, é na presença desses que a violência se perpetua. Marianne está desprotegida tanto na presença de seus familiares quanto na presença de seus colegas da escola, de modo que o vínculo é quebrado mesmo antes de ser estabelecido e o ciclo se repete. Zavarini e Viana comentam:

O trauma como um processo psíquico refere-se, principalmente ao aspecto inerente ao próprio acontecer psíquico que inevitavelmente, confrontará o sujeito com situações de intensa angústia. A constituição psíquica está permeada e se faz, ela mesma, através destas vivências emocionais mobilizadoras de angústia que serão, sucessivamente, revividas. (Zavarini; Viana, 2015, p. 332)

O trauma da personagem está profundamente relacionado ao vínculo distorcido com a violência, construído e naturalizado no ambiente familiar desde a infância, o que moldou sua percepção das relações afetivas e deixou marcas duradouras em sua formação emocional.

Como a angústia da violência é experimentada por Marianne também fora de casa, ela começa a tratar as agressões como algo natural, até mesmo com seus namorados durante o ato sexual. Jamie, um dos namorados que tem na faculdade, estabelece um relacionamento abusivo com ela. A relação sexual do casal é guiada por estrangulamento e surras de cinto: “Bom, ele

gosta de me bater. Quer dizer, só durante o sexo. Não nas brigas” (Rooney, 2018 p. 135). Observamos que Marianne passa a gostar dessas agressões, também de se sentir submissa a seus namorados:

Não é que eu me excite ao ser humilhada ela diz. Só gosto de saber que me humilharia por alguém se a pessoa quisesse. Faz sentido? Não sei se faz, venho pensando nisso. Tem mais a ver com a dinâmica do que com o que acontece realmente. De qualquer forma, sugeri isso a ele, que eu tentasse ser mais submissa. E parece que ele gosta de me bater. (Rooney, 2018. p.136)

Ela acredita que finge ser dominada na relação que estabelece com Jamie. A dominação masculina sempre esteve presente em sua vida, de início com seus pais abusivos, logo depois com o irmão e posteriormente com os namorados. Por fingir ser um personagem, inconscientemente, Marianne replica a pedagogia da violência que aprendeu em casa. Sobre os traumas na infância, Ursula Markham comenta que o efeito do trauma que nasce na infância pode demorar para ser notado, no entanto, “seja qual for sua potência, aumenta com o tempo, ele nunca permanece estático” (2000, p.24). Com Marianne, essa potência se intensifica e chega em seu clímax quando ela se envolve com o artista Lukas durante seu intercâmbio de estudos na Suécia. Os dois iniciam uma espécie de jogo sexual que inclui punições verbais e físicas caso Marianne descumprisse alguma regra, eles chamam de “o jogo”. Durante o tempo que passa na Suécia, longe de seus amigos, Marianne vive o que ela define como uma depressão reconfortante e sente alívio na relação que estabelece com Lukas. Não sente fome e a garrafa que enche de água pela manhã é jogada fora quase todas as noites. Marianne está vivendo no automático, dependendo das vontades de seu companheiro “...Ela vivencia uma depressão tão intensa que é tranquilizante, come o que ele lhe diz para comer, experimenta não ter mais domínio do próprio corpo do que se fosse um lixo” (Rooney, 2018, p. 190). Entendemos essa relação de submissão como traço dos traumas da protagonista. A respeito de trauma, Levine (1999) diz que ele: “pode destruir a qualidade de nossos relacionamentos e distorcer as experiências sexuais. Comportamentos sexuais compulsivos, perversos, promíscuos e inibidos são sintomas comuns de trauma” (p. 40). A relação que Marianne e Lukas estabelecem não é baseada em diálogos, apenas o acordo sobre “o jogo”. Em um dos encontros, Lukas usa Marianne para produzir fotos e vídeos dela nua ou em poses sensuais. Marianne permite no início, no entanto a situação foge de seu controle quando Lukas deseja amarrá-la:

Não, ela diz.
Não dificulta sua vida.
Não quero fazer isso.

Eu sei, ele diz.

Ele se ajoelha de novo. Ela inclina a cabeça para trás, evitando seu toque, e ele rapidamente põe a mão em torno do pescoço dela. [...] Ele pega o pano de novo e o enrola como uma venda em torno dos olhos dela. Até a respiração dela agora parece sofrida. Seus olhos ardem. Ele toca em sua bochecha com delicadeza com as costas da mão e ela fica enjoada.

Está vendo, eu te amo, ele diz. E sei que você me ama.

Horrorizada, ela se afastadele, batendo a cabeça na parede. Luta de punhos amarrados para tirar a venda dos olhos, conseguindo levantá-la o bastante para enxergar.

Qual é o problema?, ele diz.

Me desamarra.

Marianne.

Me desamarra agora senão eu chamo a polícia, ela diz (Rooney, 2018, p. 197).

A situação desperta em Marianne um sentimento de medo e a leva a reconhecer que a relação que mantém com Lukas, assim como aquelas vividas anteriormente com seus antigos namorados, está marcada por dinâmicas nocivas e não pode ser considerada saudável. Quando sai do estúdio de Lukas algumas perguntas surgem na mente da personagem e deixam reflexões para ela: “Seria de fato capaz de fazer as coisas pavorosas que faz com ela e ao mesmo tempo acreditar que está agindo por amor? Seria o mundo um lugar tão perverso a ponto de o amor ser indistinguível das formas mais baixas e mais abusivas de violência?” (Rooney, 2018, p. 198). Sobre os relacionamentos de Marianne baseados em violência durante os atos sexuais, a professora Maria Amor Barros-Del Río em sua análise sobre o romance comenta:

...as inseguranças emocionais de Marianne fazem com que ela se envolva nesses relacionamentos tóxicos e abusivos que a objetificam e a deixam se sentindo vazia. Sua insegurança emocional a torna incapaz de se manter em pé e ela busca significado por meio do abuso sexual nas mãos de seus parceiros. (Barros Del-Rio, 2022, p. 75)⁹

Além de estabelecer relacionamentos violentos, Marianne também tem ímpetos violentos. Em uma conversa com Connell ela relata não se importar com quem está ao seu redor, mas afirma ter coragem de cortar a garganta de uma moça:

O que eu queria era cortar a garganta dela. Connell ergueu o olhar e riu, por conta do susto... Queria mesmo, ela insistiu... Você tem que atenuar esses ímpetos violentos, ele disse. Você não pode sair por aí cortando o pescoço das pessoas, senão vai acabar na cadeia. Marianne deixou que ele risse da ideia, mas disse baixinho: Se ela encostar o dedo em você de novo, eu corto mesmo, não estou nem aí. (Rooney, 2018, p. 143)

O comportamento violento que Marianne vivência em casa marca profundamente suas atitudes e ações. Reafirma que o tratamento que recebeu e aprendeu em seu lar agressivo a fazem seguir o ciclo de violência que vivenciou na infância. Após a situação terrível que viveu com Lukas,

⁹... her emotional insecurities make her get involved in toxic, abusive relationships that objectify her and leave her feeling empty. Her emotional insecurity makes her incapable of standing on her own two feet and she seeks meaning through sexual abuse at the hands of her partners.

Marianne passa a refletir sobre sua relação com a violência, submissão aos homens e relacionamentos.

Sempre houve algo dentro dela que os homens quisessem dominar, e o desejo quieto de dominação pode ser muito parecido com a atração, até mesmo com o amor. Na escola, os garotos tentavam arrebatá-la com crueldade e desprezo, e na faculdade os homens tentavam fazê-lo com sexo e popularidade, tudo com o mesmo objetivo de subjugar a força de sua personalidade. Ficava deprimida em pensar que as pessoas eram tão previsíveis. Fosse ela respeitada ou desprezada, não fazia muita diferença no final das contas. Será que todas as etapas de sua vida continuariam a se mostrar como a mesma coisa, repetidas vezes, a mesma competição desapiedada pela dominância? (Rooney, 2018, p. 192)

Marianne percebe que está vivendo um ciclo vicioso desde a infância, tanto em suas relações amorosas quanto em suas amizades. Ela começa a se perguntar se isso se repetiria para sempre em sua vida. Quando volta para Dublin, sua amiga, Peggy, fala sobre a importância de buscar ajuda em terapia e essa inquietação toma conta de seus pensamentos. Contudo, para Marianne, “...era difícil ignorar algo que admitia ter ouvido de várias pessoas a vida inteira: que era mentalmente instável e precisava de ajuda” (Rooney, 2018, p. 193). O romance se encerra com o despertar de Marianne, expresso ao leitor por meio das nuances ingênuas de suas reflexões após uma conversa com uma amiga. No entanto, é importante destacar que permanece em aberto se esse será, de fato, o caminho que a personagem escolherá trilhar e, ainda, se sua decisão terá êxito, deixando em suspenso tanto a resolução de sua trajetória quanto a possibilidade de ruptura definitiva com os padrões que a aprisionavam.

Tendo apresentado os traumas de Marianne e sua relação com a violência, traremos a seguir a depressão silenciosa que permeia a vida de Connell. A jornada emocional de Connell é marcada por uma luta interna constante, que, ao longo da narrativa, é muitas vezes ignorada ou minimizada por ele próprio. Ao contrário de Marianne, cuja dor é visível e, em certa medida, expressa de maneira explícita, a depressão dele se manifesta de forma sutil, como um peso invisível que afeta sua autoestima, suas relações e, principalmente, sua visão de si mesmo.

2.2 Connell e sua depressão silenciosa

Como mencionado na introdução deste capítulo, o outro protagonista do romance, Connell, sofre com uma depressão silenciosa que se intensifica após o suicídio de um amigo próximo. Essa depressão é antecedida por crises de ansiedade constantes que acompanham a vida do personagem desde o início do livro. Embora sejam condições diferentes, ansiedade e depressão compartilham sintomas e sempre afetam a vida emocional e mental das pessoas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada oito pessoas vive com alguma doença ou transtorno mental no mundo. A ansiedade e a depressão são as incidências mais comuns e chegam a representar 60% dos casos. Ao longo desta seção, analisaremos algumas situações vivenciadas por Connell, iniciando pela sua estrutura familiar e avançando, em seguida, para a discussão de suas crises de ansiedade no ambiente escolar, onde é reconhecido e popular entre os colegas. Posteriormente, examinaremos sua adaptação a um novo contexto, distante dos antigos amigos e marcado pela condição de ser um desconhecido em outra cidade. Por fim, abordaremos a experiência do luto, desencadeada pelo suicídio de um amigo próximo. Enquanto Marianne pertence a uma família tradicional, aparentemente comum, Connell, por outro lado, carrega a complexidade de uma infância marcada pela ausência paterna. A relação com sua mãe foge aos padrões convencionais de uma convivência mãe e filho, os dois estabelecem uma relação próxima de amizade, a ponto de Connell a chamar pelo primeiro nome e moldar sua rotina de acordo com as necessidades dela, colocando-a como prioridade. A família de Connell não é bem-vista pelos moradores da cidade. A mãe engravidou aos dezessete anos e deixou a escola para ter o filho. Um dos tios foi preso e o outro quase morreu em um acidente de carro. A avó também não demonstra ter muito afeto pelo neto e o trata com indiferença “A avó suspira, como se o comentário que ele faz sobre o clima lhe causasse dor. É provável que cause, pois tudo o que ele faz é doloroso para ela, pois o odeia por estar vivo” (Rooney, 2018, p. 49, 50). Connell tem apenas a mãe como figura familiar presente em sua vida. O pai não existe para ele, os tios não são bons exemplos e a avó carrega mágoas pelo nascimento dele ter atrapalhado a vida acadêmica e o futuro de Lorraine.

Apesar da fama ruim que os Waldron carregam, Connell é visto como um garoto bom: “É estudioso, joga de centroavante no time de futebol, é bonito, não se mete em brigas. Todo mundo gosta dele. É sossegado” (Rooney, 2018, p. 37). Connell não tem interesse em saber quem é seu progenitor e demonstra não entender a devoção que seus colegas sentem pelos próprios pais. A figura paterna sequer é citada no livro.

Ninguém além de Lorraine sabe quem é o pai de Connell. Ela diz que ele pode lhe perguntar a qualquer momento que queira saber, mas ele realmente não liga para isso. Nas noites em que saem, os amigos às vezes levantam a questão do pai, como se fosse algo profundo e significativo de que só possam falar quando estão bêbados. Connell acha isso deprimente. (Rooney, 2018, p. 50).

Para Connell o pai é um assunto inexistente em sua vida, ele a descreve apenas como o “homem que engravidou Lorraine” (Rooney, 2018, p. 50). O psicanalista Winnicott [1986] (2021) afirma que “o jeito de ser pai determina como a criança usa ou não esse pai na formação da família”

(p. 155). Assim, entendemos que essa dificuldade se deve à ausência de seu próprio pai. Connell não consegue entender situações familiares as quais ele não teve oportunidade de vivenciar, a ausência de um pai desde o nascimento leva o personagem a excluir completamente essa figura de sua vida psíquica e afetiva. Para ele, a palavra família carrega um significado construído unicamente a partir da relação com a mãe, que a torna sua única referência de pertencimento e cuidado.

A mãe de Connell, Lorraine, parou de estudar na adolescência para sustentá-lo, quebrando o padrão tradicional, no qual apenas a figura masculina é provedora da família. Apesar disso, a mãe não supre a todas as funções de um pai e Connell não tem noção da falta que essa figura faz em sua vida. Embora não saiba o motivo de não entender a importância das discussões que os amigos têm com seus familiares, percebemos que a falta paterna causa dificuldade na integração de Connell com outros, principalmente quando assunto é família. “Os amigos parecem muito obcecados pelos próprios pais, obcecados em imitá-los ou ser diferentes deles sob aspectos específicos. Quando brigam com os pais, as discussões parecem sempre significar uma coisa na superfície mas ocultar outro sentido secreto” (Rooney, 2018, p. 50). Quando briga com Lorraine, Connell percebe que os desentendimentos são por banalidades do dia a dia, sem muita profundidade como acontece na casa de seus colegas da escola:

Quando Connell briga com Lorraine, em geral é por conta de algo como deixar a toalha molhada no sofá, e é só isso, é mesmo sobre a toalha, ou no máximo a possibilidade de que Connell seja basicamente desleixado em suas atitudes, pois ele quer que Lorraine o veja como uma pessoa responsável apesar de deixar toalhas espalhadas, e Lorraine diz que, se é tão importante para ele ser considerado responsável, ele devia demonstrar através de atos, esse tipo de coisa (Rooney, 2018, p. 50)

A presença do pai segundo Benczik é que “poderá facilitar à criança a passagem do mundo da família para o da sociedade. Será permitido o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente” (2011, p. 69). Benczik explica sobre a importância do papel do pai no desenvolvimento do filho, que esse é “um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo e social facilitando a capacidade de aprendizagem e a integração da criança na comunidade” (2011, p. 68, 69). Connell anseia ser diferente do que seu pai possa ter sido. Ele deseja que a mãe o veja como um homem responsável, para ele o bem-estar de Lorraine é importante: “Durante dois anos e meio ele trabalhou depois da escola em uma oficina para comprar o carro, e só o usa para levar a mãe para lá e para cá porque ela não tem carteira” (Rooney, 2018, p. 60). Connell se esforça em buscar a mãe no trabalho, preocupa-se em manter um emprego e em colaborar com a rotina que os dois estabelecem em casa. A

ausência de uma figura masculina como referência, marcada pelo abandono do pai, é determinante na construção de sua identidade. Essa falta gera em Connell um sentimento de responsabilidade precoce, quase automática, em relação à mãe, ele se vê na obrigação de cuidar dela e de corresponder às expectativas de Lorraine. Além da ausência paterna, o distanciamento de outros parentes reforça essa dinâmica, colocando Connell no papel de figura masculina da família e tornando o cuidado com a mãe não apenas um gesto de afeto, mas também uma obrigação que ele internaliza como parte de si.

O psicólogo John Bowlby expandiu estudos sobre o desenvolvimento infantil e foi precursor na Teoria do Apego. Essa teoria explica que a falta de vínculo com os pais do bebê pode causar impactos profundos no desenvolvimento da criança. Bowlby destaca que a falta de apego, seja por abandono, negligência ou separação, pode ter efeitos duradouros, influenciando a maneira como a criança lida com o estresse, com a construção de sua identidade e com suas futuras relações.

Muitos daqueles que são encaminhados a psiquiatras são indivíduos ansiosos, inseguros, geralmente descritos como superdependentes ou imaturos. Em condições de estresse, tendem a desenvolver sintomas neuróticos, depressão ou fobia. As pesquisas revelam que eles estiveram expostos a pelo menos um, e geralmente mais de um, de certos padrões típicos da parentalidade patogênica, os quais incluem: (a) ausência persistente de respostas de um ou ambos os pais ao comportamento eliciador de cuidados, da criança, e/ou depreciação e rejeição marcada; (Bowlby, 1982, p. 93).

Em seu livro *Formação e rompimento dos laços afetivos* (1982), John Bowlby defende que existe uma forte relação entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos. O autor atribui as variações de distúrbio de personalidade, sintomas neuróticos e vínculos afetivos ao desempenho dos pais. O bom desempenho dos pais com relação a ser uma base boa e segura para os filhos permeará as relações futuras do indivíduo. No que diz respeito à ansiedade, Oliveira e Batista (2005) afirmam:

A ansiedade é um sentimento que acompanha um sentido geral de perigo, advertindo as pessoas de que há algo a ser temido. Refere-se a uma inquietação que pode traduzir-se em manifestações de ordem fisiológica e de ordem cognitiva. Como manifestações fisiológicas pode-se citar agitação, hiperatividade e movimentos precipitados; como manifestações cognitivas surgem atenção e vigilância redobrada e determinados aspectos do meio, pensamentos e possíveis desgraças. Essas manifestações podem ser passageiras ou podem constituir uma maneira estável e permanente de reagir e sua intensidade pode variar de níveis imperceptíveis até níveis extremamente elevados. (Oliveira e Batista, 2005, p. 43).

No caso de Connell, algo que acompanha sua vida desde o início do romance são tristezas que ele mesmo não sabe explicar. Além de se mostrar deprimido em momentos repentinos, o personagem enfrenta crises de ansiedade sempre que encara uma situação na qual se considera encurralado. O romance revela pouco a pouco que o personagem tem sentimentos conflitantes dentro de si e não consegue lidar com que sente, Connell relata experimentar uma tristeza que ele mesmo não sabe nominar: “Momentos de dor emocional chegavam assim, sem sentido ou, no mínimo, indecifráveis” (Rooney, 2018, p. 30). O personagem aprende a conviver com as diferentes formas que as crises de ansiedade surgem em sua rotina, os suores excessivos, dores de cabeça e até crises de vômito. Um gatilho para sua ansiedade é a opinião negativa dos outros sobre sua vida e escolhas pessoais. Após começar um relacionamento as escondidas com Marianne, garota que não é bem-vista na escola, seus amigos fazem um comentário sobre a provável situação, e mesmo sendo algo nunca dito por parte de Connell, ele tem uma forte crise de ansiedade após o ocorrido. Na maioria das vezes que algo o estressa, ele não controla suas emoções e a ansiedade toma conta de seu corpo:

Todos caíram na gargalhada. Connell fechou o armário e saiu, segurando a bolsa sem firmeza na mão direita. Ouviu os outros o chamarem, mas não se virou. Quando chegou ao banheiro, se fechou em uma cabine. As paredes amarelas o oprimiam e seu rosto estava encharcado de suor. Não parava de pensar em si mesmo dizendo para Marianne na cama: Eu te amo. Foi aterrorizante, como assistir a si mesmo cometendo um crime terrível em um vídeo de um circuito inteiro de tevê. E em breve ela estaria na escola, guardando os livros na bolsa, sorrindo sozinha, sem nunca saber de nada. Você é uma pessoa legal e todo mundo gosta de você. Ele respirou fundo, desconfortavelmente, e então vomitou (Rooney, 2018, p. 58).

Sintomas como suor nas mãos, dor de cabeça e até vômito são vivenciados por ele ao longo do romance com frequência. Segundo Batista e Oliveira (2005) as manifestações de ansiedade “podem ser passageiras ou podem constituir uma maneira estável e permanente de reagir e sua intensidade pode variar de níveis imperceptíveis até níveis extremamente elevados ” (p.43). Situações que fogem do controle de Connell ou que ele precise tomar decisões nas quais não está preparado, são gatilhos que desencadeiam ansiedade. Situação simples do cotidiano como convidar uma colega para o baile da escola se torna algo grandioso para ele “...porque parecia que ele havia acabado de pular de um precipício e caído na própria morte, e estava contente em estar morto, nunca mais queria estar vivo” (Rooney, 2018, p. 59). Connell tenta lidar com as crises de ansiedade, entretanto muitas vezes não entende realmente o que acontece com ele e não reflete sobre a situação de sua saúde mental.

Um outro momento significativo que revela a preocupação do protagonista é quando Marianne decide não ir mais para a escola. Connell, com medo de que os colegas descubram o

relacionamento deles, principalmente porque Marianne é vista como estranha entre os demais, sente uma enorme pressão para manter as aparências. Dominado pelo receio do julgamento alheio, ele convida outra garota para o baile da escola, uma atitude que deixa Marianne profundamente magoada e humilhada. O gesto de Connell revela a fragilidade de sua autoestima e o quanto ele ainda está preso às expectativas sociais, o que aumenta o sofrimento de Marianne e provoca a separação de ambos. Durante o período em que Marianne se afasta, a culpa toma conta do personagem e ele entra “em um período de desânimo” (Rooney, 2018, p.78). Todos na escola percebem que o rendimento de Connell cai nas aulas e os professores ficam preocupados com a situação, ele não consegue agir normalmente, uma vez que o sentimento de culpa e tristeza tomam conta de seus dias:

Durante um tempo, ele tentou superar, bebendo demais e tendo relações sexuais apreensivas, desconcertantes com outras garotas... Não havia ninguém com quem conversar sobre a situação. Sentia uma solidão angustiante. Tinha sonhos recorrentes de estar com Marianne outra vez, abraçando-a tranquilamente, como fazia quando estava cansado, conversando com ela em voz baixa. Então se lembrava do que tinha acontecido e despertava se sentindo tão deprimido que não conseguia mexer nem um único músculo do corpo. (Rooney, 2018, p.78)

É importante mencionar que em nenhum momento o personagem tenta entender o que está realmente acontecendo com ele. Buscar ajuda médica ou compreender seus sentimentos não são mencionados em sua fase no ensino médio. Segundo Toassi e Carvalho, cerca de 70% das pessoas que têm transtorno de ansiedade não fazem tratamento ou recebem um tratamento apropriado. Os autores salientam que muitas pessoas que sofrem de ansiedade “aprenderam a conviver com os sintomas, fazendo com que não procurem auxílio ou tratamento” (Toassi e Carvalho, 2021, p.71). Connell enfrenta momentos de desânimo e tristeza desde o início do romance quando diz que momentos de dor emocional faziam parte de sua vida e eram indecifráveis. Estudos demonstram que a adolescência é uma fase marcada por intensas transformações físicas e sociais, o que pode gerar episódios de ansiedade. Nessa fase, muitos jovens experimentam sentimentos de inquietação e insegurança, frequentemente incapazes de expressá-los de maneira clara. A falta de comunicação adequada pode agravar o quadro, potencializando os sintomas da ansiedade e dificultando o processo de enfrentamento.

No caso de Connell, a ansiedade e o sentimento de solidão tendem a se intensificar ao longo de sua trajetória universitária. Seus problemas vão além da simples ansiedade, ele parece carregar uma sensação constante de inferioridade em relação aos seus colegas, em diversos aspectos. Na universidade, ele já não é mais reconhecido e apreciado como era em sua cidade natal, o que o faz sentir-se deslocado e inseguro em um ambiente completamente novo e

desafiador. A falta de amigos e a crescente sensação de isolamento tornam –se aspectos marcantes de sua rotina, gerando um sentimento constante de solidão. Além disso, a adaptação ao novo ambiente é ainda mais difícil para ele, já que Connell encontra enorme dificuldade em se enturmar com as pessoas ao seu redor, o que agrava ainda mais sua insegurança e dificuldade em lidar com as mudanças.

Na sua cidade a timidez nunca pareceu ser um grande obstáculo para sua vida social porque todo mundo já sabia quem ele era e nunca houve a necessidade de se apresentar ou criar impressões sobre sua personalidade. Na verdade, sua personalidade era como algo externo, gerenciado pelas opiniões dos outros em vez de algo que ele fizesse ou produzisse individualmente. Agora tem a sensação de invisibilidade, de insignificância, sem reputação que o torne atraente a alguém. Apesar de sua aparência física não ter mudado, ele se sente objetivamente mais feio do que antes. (Rooney, 2018, p. 74).

Connell constantemente se sente inferior aos seus colegas. Percebemos que agora, na universidade, ele consegue sentir com mais propriedade questões relacionadas a poder aquisitivo, classes sociais e o pouco interesse das pessoas em realmente debater ou se envolver como ele nos assuntos acadêmicos. A rejeição que Connell não viveu no ensino médio surge com força na universidade. Entretanto, o ponto alto que faz o personagem abrir os olhos para a saúde mental é quando um amigo da época do colégio comete suicídio. Rob suicida-se e Connell se sente profundamente afetado com a situação e até se culpa pelo ocorrido, já que recebeu uma mensagem de amigos procurando por Rob, no entanto não deu atenção para a mensagem quando recebeu.

Nos dias que se seguiram, o pessoal da escola postou coisas de conscientização sobre o suicídio. Desde então, o estado mental de Connell vem constantemente, semana após semana, se deteriorando. A ansiedade, antes crônica e de baixo grau, que servia como uma espécie de impulso inibidor polivalente, se tornou forte. Suas mãos começaram a formigar quando tem que estabelecer interações insignificantes, como pedir café ou responder a uma pergunta em aula. Uma ou duas vezes teve grandes ataques de pânico: hiperventilação, dor no peito, formigamento no corpo todo. A sensação de dissociação dos próprios sentidos, a incapacidade de pensar direito ou interpretar o que vê ou ouve. As coisas começam a parecer e soar diferentes, mais lentas, artificiais, irreais. (Rooney, 2018, p. 204 e 205)

Embora as crises de ansiedade citadas anteriormente sejam mencionadas no romance como “crônicas e de baixo grau” (p. 205), podemos afirmar que dependendo do gatilho vivenciado por ele, a crise poderia chegar a pontos altos, como o vômito no banheiro da escola citado anteriormente. Ainda que não seja nomeado ou mencionado no romance, podemos supor que o personagem sofre com o Transtorno de Ansiedade Generalizado, também conhecido como TAG, desde jovem. Os sintomas têm início na infância e afetam a vida de muitos jovens. Filho

e Silva explicam que nos adolescentes, o TAG “se associa a sintomas somáticos, sendo os mais encontrados: cefaleia, náuseas e vômitos, taquicardia, sudorese, parestesias e dor muscular” (2013, p. 34). Após o suicídio de Rob, a ansiedade de Connell aumenta, os sintomas ficam mais intensos e ele não consegue inibir a constância deles:

Coisas lhe aconteceram, como acessos de choro, ataques de pânico, mas pareciam se abater sobre ele vindo de fora, em vez de emanar de algum lugar de dentro. Internamente, não sentia nada. Era como um congelado que tivesse degelado rápido demais ao ar livre e derretesse para todos os lados enquanto por dentro continuava duro. De um jeito ou de outro, exprimia mais emoções do que em qualquer outro momento de sua vida e, ao mesmo tempo, sentia menos, sentia nada (Rooney, 2018, p. 213).

Após receber conselho de um amigo sobre a situação de sua saúde mental, Connell busca ajuda médica e marca uma consulta na faculdade em que estuda. Nesse momento percebemos a profundidade dos problemas que ele enfrenta: “Ele dá uma olhada na mulher outra vez. Não quer se confessar para ela, uma completa estranha, que gostaria de se matar. Na noite anterior, no chão, fantasiou ficar deitado completamente impassível até morrer de desidratação, por mais tempo que demorasse” (Rooney, 2018, p. 202). Cristiane Pickler (2019) salienta que os homens também são afetados pela depressão, mas se queixam menos que as mulheres. A autora explica que os homens se manifestam de maneiras diferentes, pois “relutam em expor as suas emoções, dificuldades e fragilidades e, por isso, não procuram ajuda” (p. 4). Quando Connell procura ajuda, ele descobre que se encontra em uma depressão grave:

Isto aqui é o que se chamam de “Inventário de Depressão de Beck”, ela explica. Sem dúvida você já descobriu como funciona, nós simplesmente atribuímos uma nota de zero a três para cada item. Pois bem, uma pessoa que nem eu talvez marque ter, digamos, zero e cinco em um teste como esse, e alguém que esteja passando por uma crise depressiva branda pode esperar uma nota de uns quize ou dezesseis.

O.k., ele diz. Certo.

E o que estamos vendo aqui é a pontuação de quarenta e três.

É. O.k.

Então isso nos põe no terreno de uma depressão seríssima, ela diz. Você acha que isso condiz com a sua experiência?

Ele esfrega os olhos de novo. Baixinho, consegue dizer: É.

Estou vendo que está sentindo uma enorme negatividade contra si mesmo, está tendo uns pensamentos suicidas, coisas assim. Então essas são coisas que temos que levar a sério. (Rooney, 2018, p.206 e 207)

Diferente de Marianne que apenas reflete sobre a necessidade de ajuda psicológica e não fica claro no livro se ela realmente procura ajuda médica, Connell busca tratamento e o aceita, começa a tomar os remédios e segue com seu tratamento em busca de melhora para sua ansiedade e depressão. Em uma conversa com sua terapeuta podemos perceber que eles

trabalham uma forma de mudar como Connell reage as situações que desencadeiam suas crises: “O que a gente pode fazer aqui na terapia é tentar trabalhar os seus sentimentos, e os seus pensamentos e comportamentos... Não temos como mudar a sua situação, mas podemos mudar como você reage à sua situação.” (Rooney, 2018, p. 216). Nas últimas páginas do romance conseguimos perceber que apesar de tudo que ele estava passando, Connell estava conseguindo viver momentos de alegria com a escrita. Trabalhar em seus projetos de escrita estavam proporcionando momentos de alegria para o personagem.

Embora Connell e Marianne lidem com feridas emocionais, ambos revelam diferentes formas de como o sofrimento pode se manifestar e a complexidade envolvida em viver com uma dor que não é imediatamente visível para os outros. A tristeza de Connell configura –se como uma tristeza silenciosa, que permeia sua existência e se entrelaça à sua identidade, ainda que ele frequentemente tente projetar uma imagem de controle e estabilidade perante os demais. Internamente, contudo, ele se vê aprisionado por um ciclo de autocrítica, insegurança e falta de amor-próprio, elementos que silenciam seus afetos e dificultam sua expressão emocional. De maneira semelhante, a vida de Marianne também é marcada por um silêncio persistente, mas que se manifesta de modo distinto. Além do silêncio imposto pelas violências familiares que reprimem sua fala e minam sua autoestima, há em Marianne um silêncio que extrapola sua história individual e dialoga com uma herança cultural mais ampla.

Desse modo, tanto Connell quanto Marianne incorporam formas distintas de um mesmo processo: a inscrição do silêncio como componente constitutivo de suas subjetividades. Suas dores, ainda que vividas de forma íntima e pessoal, ressoam práticas culturais mais amplas, revelando como o silêncio opera simultaneamente no plano individual e no social. É esse silêncio, que ultrapassa a experiência particular dos protagonistas e se vincula à própria tradição cultural irlandesa, que será aprofundado no próximo capítulo.

3 SILÊNCIO

Eu não vou servir àquilo em que não acredito mais {...} eu vou tentar me expressar em algum modo de vida ou de arte com a liberdade que eu conseguir e com a plenitude que eu conseguir, usando em minha defesa as únicas armas que eu me permito usar – silêncio, exílio e astúcia.

James Joyce - Um retrato do artista quando jovem.

O silêncio é, em seu significado literal, o estado de quem se cala ou se abstém de falar; é a privação, voluntária ou não, de emitir palavras, sons ou de manifestar pensamentos. Representa, na superfície, uma ausência, a interrupção da comunicação audível. No entanto, enquanto conceito, o silêncio tem um significado mais abrangente e profundo, transcendendo a mera falta de som. Ele se estabelece como um ato comunicativo por si só, carregado de intenção, contexto e história. O silêncio pode ser político, agindo como mecanismo de opressão ou de resistência; pode ser social, marcando tabus e segredos; ou psicológico, refletindo o trauma ou a incapacidade de nomear a dor. É essa profundidade que o torna um objeto de estudo essencial, especialmente em contextos marcados por intensas experiências históricas e culturais. Ao investigar o papel do silêncio na cultura irlandesa, Maria Beville e Sara Dybris McQuaid, no artigo *Speaking of Silence: Comments from an Irish Studies Perspective* (2012), argumentam:

Como conceito, o silêncio é mais do que apenas a ausência de fala e som. Pode se referir a um silêncio que é intencional ou a um que é forçado. O silêncio está preso ao tempo, já que é usado para medir a duração do som e vice-versa, e sua duração está, portanto, conectada ao seu poder. No entanto, mais do que simplesmente um limite para demarcar a fala, de forma desconstrutiva, o significado do silêncio é adiado e, assim, o silêncio assume tonalidades espirituais devido à sua elusividade e paradoxos inerentes. Como tal, devido à sua complexidade, o silêncio pode funcionar de muitas maneiras como um instrumento cultural e político; uma parte importante da retórica e do ritual em muitos contextos variados. Sua ressonância em tais fóruns se deve à sua referência persistente à materialidade da ausência e àquilo que não pode (por diversos motivos) ser dito. Dessa forma, o silêncio é um conceito que, em todos os aspectos, invoca a problemática tanto do empoderamento quanto do desempoderamento. (Beville; McQuaid. 2012, p. 2)¹⁰

¹⁰ *As a concept silence is more than just the absence of speech and sound. It can relate a silence that is purposeful or one that is forced. Silence is bound to time, as silence is used to measure the length of sound and vice versa and its duration is thus connected to its power. However, more than simply a boundary to demarcate speech, deconstructively, the meaning of silence is deferred and so silence takes on spiritual tones given its elusiveness and inherent paradoxes. As such, silence due to its complexity, can function in many ways as a cultural and political device; an important part of rhetoric and ritual in many varied contexts. Its resonance in such forums is due to its persistent reference to the materiality of absence and that which cannot (for varied reasons) be spoken. In this way silence is a concept that in all facets invokes the problematics of both empowerment and disempowerment.*

O silêncio constitui-se como uma das temáticas mais marcantes na história e na cultura irlandesa, assumindo múltiplas funções que vão além da ausência de fala. O silêncio irlandês é carregado de significados que ressoam desde os traumas da colonização até a produção literária contemporânea do país. Mais do que vazio ou interrupção, o silêncio revela-se um espaço de resistência, de dor e de criação. Suas raízes estão profundamente entrelaçadas a eventos históricos e políticos, como a Grande Fome, a repressão colonial e as censuras de caráter religioso e social. Esse silêncio histórico manifesta-se tanto como trauma e resignação quanto como forma de enfrentamento e resistência diante da opressão. Beville e McQuaid (2012) comentam que no contexto Irlandês não há "um, mas muitos silêncios, e eles são parte integrante das estratégias que fundamentam e permeiam os discursos (p. 2)".

A literatura irlandesa, nesse sentido, assumiu papel fundamental ao explorar o indizível, transformando o silêncio em um dispositivo estético e simbólico capaz de revelar feridas coletivas e individuais. A epígrafe desse capítulo traz um exemplo marcante de silêncio no romance de formação *Um Retrato do Artista quando jovem*, de James Joyce, um dos escritores mais notáveis do país que usa a literatura como arma para se emancipar dos traumas e silêncios que cercam os irlandeses. No livro, Joyce ilustra como seu protagonista, Stephen Dedalus, enfrenta a experiência de uma Irlanda marcada pelo silêncio e pela repressão. A trajetória de Dedalus revela o desejo de emancipar-se das amarras religiosas, políticas e culturais que sufocam sua individualidade. Para ele, permanecer nesse ambiente significaria submeter-se ao peso de uma tradição que silencia e aprisiona. Sua saída do país, portanto, não é apenas um gesto físico de afastamento, mas sobretudo uma busca por liberdade criativa e expressiva, uma tentativa de romper com os limites impostos pela nação e encontrar uma voz autônoma capaz de transcender o silêncio histórico irlandês.

Na literatura, o silêncio funciona como agente ativo de significação, capaz de expor as falhas da linguagem e a existência de dimensões subjetivas que escapam ao discurso. Segundo Teresa Caneda-Cabrera e José Romero Carregal (2023), na literatura irlandesa contemporânea, o silêncio é usado como forma de denúncia e é crucial para os escritores, pois denuncia a existência de um silêncio normativo profundamente enraizado em práticas sociais, religiosas e culturais que moldaram comportamentos individuais e relacionamentos interpessoais e estão entrelaçados no tecido da sociedade e da política na Irlanda contemporânea.

No contexto específico da literatura, silêncio tem sido examinado como um meio criativo e um tema, um elemento que realça as falhas da linguagem e a existência de um reino do indizível que todos devemos reconhecer. A linguagem falha e o silêncio atua como uma força motriz por exemplo, quando se confrontam eventos inexplicáveis, crises emocionais e traumas, a falibilidade da memória, sentimentos

ambivalentes, medos paralisantes ou os mistérios do desconhecido. (Caneda-Cabrera; Carregal-Romero, 2023, p. 5 – grifo nosso)¹¹

Podemos observar que o silêncio atua como força motriz no objeto de pesquisa desta dissertação. Sally Rooney, em *Pessoas Normais*, pontua a presença do silêncio na vida dos jovens irlandeses. O silêncio aparece como marca histórica que ressoa na vida íntima dos protagonistas, Connell e Marianne, que carregam, ainda que de forma difusa, o peso de um passado irlandês atravessado pelo trauma e pela repressão. Esse silêncio herdado se manifesta em dificuldades de comunicação e na incapacidade de expor vulnerabilidades, agora intensificadas pelas pressões sociais e afetivas impostas pela lógica neoliberal. O romance de Rooney não apenas dialoga com a tradição cultural irlandesa, mas também denuncia os silêncios normativos da contemporaneidade, evidenciando como o indizível histórico continua a se inscrever nas relações interpessoais. Nesse ponto de encontro entre memória coletiva e crítica social, o silêncio se revela não como ausência, mas como presença estruturante da experiência irlandesa e da própria subjetividade de seus personagens.

Segundo Beville e McQuaid (2012), o silêncio irlandês constitui, em si mesmo, uma via singular e relevante para a compreensão das complexidades da Irlanda moderna, tanto em termos culturais quanto históricos e contemporâneos. Mais do que a simples ausência de fala ou de som, o silêncio configura-se como uma categoria multifacetada, que pode se manifestar de forma intencional, como escolha, ou de maneira imposta, por coerção. Intrinsecamente ligado à noção de tempo, o silêncio adquire uma ressonância cultural e política significativa, funcionando como referência constante à materialidade da ausência: aquilo que existe, mas não pode, ou não deve, ser dito por diferentes razões.

Nos tópicos seguintes deste capítulo, serão aprofundadas, primeiramente, as raízes históricas do silêncio, a fim de compreender como ele se consolidou como um elemento central na construção da identidade cultural e literária da Irlanda. Em seguida, será analisado de que maneira o relacionamento dos protagonistas em *Pessoas Normais* é atravessado por esse mesmo silêncio, que se manifesta tanto como herança histórica quanto como marca da subjetividade contemporânea.

¹¹ In the specific context of literature, silence has been examined as both a creative medium and subject matter, an element that foregrounds the failings of language and the existence of a realm of the unsayable that all of us must acknowledge. Language fails and silence acts as a moving force for instance, when one confronts inexplicable events, emotional crises and traumas, the fallibility of memory, ambivalent feelings, paralysing fears or the mysteries of the unknown.

3.1 Irlanda e o silêncio: um breve histórico

A compreensão do silêncio irlandês exige um olhar atento para sua formação histórica. O silêncio na Irlanda tem suas raízes em séculos de colonização britânica e em catástrofes que aconteceram ao longo do tempo. Durante séculos, a Irlanda suportou o domínio britânico, uma experiência de colonização que moldou profundamente sua identidade cultural e social. Nesse contexto, o silêncio emergiu com uma dupla dimensão: de um lado, como resposta traumática direta à violência, à fome e à opressão sofridas; de outro, como estratégia silenciosa de resistência diante do discurso hegemônico imposto pela autoridade colonial. O silêncio atuou como resistência ou submissão. Calar-se podia ser um ato de desafio contra a autoridade e o poder imposto, uma recusa em participar de um discurso opressor.

Silenciadas por muito tempo, a opressão histórica das mulheres na Irlanda confinou as mulheres a uma posição de dependência e subordinação. Essa opressão se expressou não apenas na negação de direitos civis e sociais, mas também na institucionalização da culpa e da vergonha feminina como instrumentos de controle moral e social. Como exemplo de tal opressão, podemos mencionar o silêncio profundo que envolve a violência e exploração em instituições de caridade e reformatórios chamados Lavanderias Madalena (*Magdalene Laundries*) desde a criação do Estado Livre Irlandês. Mulheres e meninas que engravidavam fora do casamento ou eram consideradas pecadoras eram enviadas para essas lavanderias, onde sofriam exploração laboral e eram obrigadas a entregar seus filhos para adoção. Administradas por ordens religiosas, essas instituições encarceraram pelo menos 10.000 meninas e mulheres entre 1922 - 1996, forçando-as a realizar trabalhos não remunerados em lavanderias e bordados lucrativos. As confinadas eram aquelas consideradas indesejáveis pela sociedade, ou seja, mulheres solteiras que foram engravidadas, na maioria das vezes, vítimas de abuso sexual, filhas de mulheres nessa condição ou aquelas vistas como um fardo. O site intitulado *Justice for Magdalenes Research*, criado em 2013 com objetivo de estabelecer um plano de compensação para todas as sobreviventes desse regime relata:

As punições por se recusar a trabalhar incluíam privação de refeições, confinamento solitário, abuso físico, ajoelhamento forçado por longos períodos ou rituais de humilhação, incluindo raspar os cabelos. Sobreviventes relatam estar constantemente sob vigilância, insultos verbais, sentir frio, ter uma alimentação inadequada e suportar condições de higiene humilhantes e inadequadas. Nenhuma das meninas recebeu educação, e as sobreviventes insistem que esse fato determinou sua "perda de oportunidade" na vida adulta. Era comum que meninas e mulheres acreditassem que

morreriam lá dentro. (relato do site)¹²

O Estado Irlandês foi cúmplice nesse sistema, utilizando as Lavanderias como alternativas à prisão e até mesmo cancelando contratos que revelavam a exploração laboral. O resultado foi uma arquitetura de contenção que isolou essas mulheres por décadas, tornando-as dependentes dos conventos e incapazes de se reintegrar. A descoberta de valas comuns e os relatórios subsequentes forçaram o governo a reconhecer a responsabilidade estatal, quebrando um silêncio de mais de 70 anos sobre a existência das Lavanderias.

Outro acontecimento marcante nas vidas dos irlandeses foi A Grande Fome que ocorreu entre 1845 e 1849 e devastou a população, permanecendo inscrito na memória coletiva como traumático. A principal causa da catástrofe foi a colonização inglesa que, além de explorar a população a partir da dinâmica das rendas e da exportação de *commodities* e material humano, forçava a economia irlandesa à monocultura, além disso, atuava contra o desenvolvimento econômico do país na medida que acabava com qualquer alternativa industrial da Irlanda. Guilherme Giotti Sichelero explica que a principal causa dessa catástrofe foi “a colonização inglesa que, além de explorar a população a partir da dinâmica das rendas e da exportação de commodities e material humano, forçava a economia irlandesa à monocultura e atuava contra o desenvolvimento econômico do país (2024, p. 14)”. O autor aponta como essa crise afetou a vida dos irlandeses:

A Grande Fome irlandesa foi, antes de mais nada, uma crise de subprodução alimentícia, algo que era crônico no país, ocorrendo constantemente desde o século XVIII, isto é, a fome era sistêmica na Irlanda. Sendo assim, a fome da década de 1840 foi apenas a intensificação de um fenômeno recorrente na história da Irlanda colonizada, embora dessa vez tenha atingido o país em sua totalidade e com um “custo humano” muito maior. (Sichelero, 2024, p. 13, 14)

As consequências foram muitas para o povo Irlandês. A população da ilha diminuiu consideravelmente nesse período, cerca de 1 milhão de irlandeses morreram de fome e doenças. Outros irlandeses também emigraram para outros países em busca de condições melhores de vida. Estima-se que nesse período a população diminuiu cerca de 2 milhões de habitantes.

A censura, tanto explícita, por meio de leis e instituições, quanto implícita, por meio de valores morais e normas de conduta, restringiu o debate público sobre temas considerados tabu,

¹² *Punishments for refusal to work included deprivation of meals, solitary confinement, physical abuse, forced kneeling for long periods or humiliation rituals, including shaving of hair. Survivors speak of constantly being under surveillance, being verbally insulted, feeling cold, having a poor diet and enduring humiliating and inadequate hygiene conditions. None of the girls received an education, and survivors dwell on this fact as determining their ‘loss of opportunity’ in later life.*

como a sexualidade, a autonomia feminina, a crítica à Igreja ou qualquer forma de contestação política. Esse silenciamento coletivo produziu um clima de medo e conformismo, no qual a transgressão do discurso era punida com o isolamento social ou a desmoralização pública. No artigo *“Portraits of Dysfunction in Contemporary Irish Women’s Narratives: Confined to the Cell, Lost to Memory”*, Marisol Morales-Ladrón aborda que a família irlandesa tradicional, moldada pelo catolicismo e pelo patriarcado, manteve as mulheres confinadas a papéis fixos, sobretudo o da mãe submissa e cuidadora, em contraste com o homem provedor e autoridade moral. A autora comenta:

A década de 1990 foi marcada por contradições em relação aos valores éticos e às novas regulamentações. A eleição de Mary Robinsón como Presidente da República da Irlanda em 1990 foi, indiscutivelmente, um dos movimentos mais relevantes para a libertação das mulheres. O divórcio foi legalizado em 1995, a homossexualidade foi descriminalizada na República em 1993, e mães solteiras, casais do mesmo sexo, famílias monoparentais e novas configurações familiares, que até então não eram socialmente aceitas, saíram 'do armário'. No entanto, mesmo havendo reivindicações sociopolíticas que buscavam aprovar direitos menos discriminatórios para homens e mulheres, uma série de escândalos sexuais, abusos físicos, pedofilia, filhos ilegítimos e outras práticas enganosas cometidas por membros da Igreja Católica em instituições educacionais veio à tona. Além disso, o isolamento de milhares de mães solteiras - as chamadas 'mulheres desonestas' - que haviam sido silenciadas por décadas, tornou-se uma fonte de vergonha social e política. (Morales-Ladrón, 2016, p. 35)¹³

Com o fortalecimento do papel das mulheres na sociedade e a conquista de maior autonomia sobre suas próprias vidas e corpos, emergiram novas demandas por igualdade e justiça social. Nesse contexto, tornou-se essencial trazer à tona temas que, por muito tempo, foram considerados tabus e permaneceram restritos ao espaço privado da família tradicional. A exposição dessas questões, antes silenciadas, passou a ser vista como um passo necessário para compreender e transformar as estruturas sociais. Assim, o debate em torno da noção de família ganhou destaque no discurso público, refletindo a necessidade de reavaliar os fundamentos sobre os quais a identidade nacional e moral da Irlanda foi construída, já que a instituição familiar havia sido historicamente tratada como o núcleo simbólico de seus valores mais

¹³ The 1990s were defined by contradiction as regards ethical values and new regulations. The election of Mary Robinsón as President of the Irish Republic in 1990 was indisputably one of the most relevant moves towards the liberation of women. Divorce was legalized in 1995, homosexuality was decriminalized in the Republic in 1993, and lone mothers, same-sex couples, one-parent families and alternative family re-configuration, which had not been socially acceptable so far, came 'out of the closet'. Nevertheless, even though there were socio-political vindications that strived to approve less discriminatory rights for men and women, a number of sexual scandals, physical abuse, paedophilia, illegitimate children and other deceitful practices that members of the Catholic Church had exerted in educational institutions came to the public fore. Adding to this, the reclusion of thousands of lone mothers - the so-called 'dishonest' women - who had been silenced for decades, became a source of social and political shame.

sagrados. Como observa Morales-Ladrón (2011), as narrativas contemporâneas de autoras irlandesas revelam que a chamada família disfuncional funciona como uma metáfora da própria nação, um espaço de repressão, silêncio e trauma, no qual as contradições do passado patriarcal e religioso continuam a reverberar, mesmo em meio às transformações sociais e culturais do presente.

Diante dessa realidade, a literatura emergiu como um espaço de resistência simbólica, onde escritores e escritoras puderam abordar o que estava velado ou era indizível pela sociedade. Por meio de metáforas, silêncios narrativos e linguagem indireta, a escrita tornou-se um meio de subversão, capaz de dar voz ao que era reprimido e de expor as contradições de uma sociedade moldada pela autoridade e pelo silêncio institucionalizado. Na literatura, o silêncio vivido pelo povo irlandês transforma-se em uma poderosa força de denúncia. Muitos escritores irlandeses transformam o silêncio em uma arma simbólica, capaz de expor injustiças, revelar traumas e questionar estruturas de poder que moldaram a identidade nacional. Como observa Orlandi {1992} (2007), o silêncio pode ser compreendido como um lugar de significação, uma forma de dizer que se constrói na ausência da fala. Essa concepção é essencial para entender como o discurso literário irlandês transforma o não-dito em potência simbólica e política.

Escrever é uma relação particular com o silêncio. A escrita permite o distanciamento da vida cotidiana, a suspensão dos acontecimentos. Ela permite que se signifique em silêncio. Assim, há auto-referência sem que haja intervenções da situação ordinária (a censura) de vida: o autor escreve para significar (a) ele-mesmo. É um modo de reação ao automatismo do cotidiano marcado pela censura. Com o distanciamento estabelecido pela escrita, os movimentos identitários podem fluir, podem ser trabalhados pelos sentidos. (Orlandi, 2007, p. 83)

Autores como James Joyce e Samuel Beckett exploraram o silêncio como forma de resistência e introspecção, rompendo com os padrões narrativos tradicionais e propondo novas maneiras de expressar a subjetividade irlandesa. Já escritoras como Edna O'Brien e Anne Enright, por exemplo, fazem do silêncio feminino um espaço de contestação, desafiando os códigos morais e sociais que historicamente limitaram as mulheres ao domínio privado. Sally Rooney, sob o escrutínio desta pesquisa, por sua vez, reatualiza essa herança do silêncio em personagens marcados pela incapacidade de comunicação plena, revelando como o silêncio ainda persiste nas relações íntimas e nas dinâmicas de classe e de gênero. Em *Normal People*, o silêncio permeia de forma profunda as relações entre Marianne e Connell, revelando não apenas as barreiras emocionais que os afastam, mas também as marcas históricas e sociais que atravessam suas trajetórias individuais.

Em Marianne, o silêncio manifesta-se como herança de um lar autoritário e opressor, em que a mãe a silencia da mesma forma como, possivelmente, também fora silenciada pelo marido. Nesse ambiente familiar, a ausência de diálogo é constante e o silêncio funciona como uma forma de controle, mascarando a violência que estrutura as relações domésticas. Connell, por sua vez, vivencia um tipo distinto de silêncio, o da ausência paterna. Ele evita questionar a própria origem, preferindo não confrontar a falta do pai, e internaliza esse vazio como parte de sua identidade. No convívio social, esse silêncio se desdobra em um comportamento de conformidade: para se manter aceito entre os amigos, Connell evita expressar seus verdadeiros sentimentos, opiniões e desejos, reprimindo aspectos essenciais de si mesmo.

Quando Marianne e Connell se encontram, suas experiências de silêncio se entrelaçam e moldam o vínculo que constroem ao longo do romance. A comunicação entre eles é atravessada por pausas, hesitações e não-ditos que expressam muito mais do que as palavras poderiam conter. Esse silêncio compartilhado torna-se um espaço ambíguo: ao mesmo tempo que revela a dificuldade de expressão e de intimidade emocional, também cria uma linguagem própria entre eles, marcada pela vulnerabilidade e pela tentativa de se compreenderem.

Assim, o silêncio que paira sobre a relação dos protagonistas não é apenas um traço de sua dinâmica afetiva, mas um reflexo das estruturas sociais e históricas que os formaram. Ele ecoa o silêncio coletivo de uma Irlanda ainda atravessada por traumas, repressões e desigualdades, funcionando como metáfora para o não-dito de uma geração.

Em *Pessoas Normais*, Sally Rooney transforma o silêncio em elemento narrativo, revelando tanto as impossibilidades de comunicação quanto as formas sutis de resistência e afeto que emergem do não dizer. Na seção a seguir, mostraremos como o silêncio é presente no relacionamento dos protagonistas.

3.2 Marianne e Connell: ausência de diálogos

A teórica Eni Orlandi, no livro *As Formas do Silêncio* {1942} (2007), aborda o silêncio não como mera ausência de fala, mas como parte constitutiva do sentido. Para a autora, o silêncio é um componente essencial da linguagem, pois participa ativamente da produção de significados, ele organiza, delimita e, muitas vezes, revela o que o discurso tenta ocultar. Sob essa perspectiva, o silêncio não é apenas um vazio, mas um espaço de resistência e de tensão, onde se inscrevem as marcas do não dito, do reprimido e do censurado. Para Orlandi, o silêncio não é transparente; ele é tão ambíguo quanto as palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar. A autora destaca que o silêncio é “a

respiração (o fôlego) da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (2007 {1942}, p. 13). No romance *Pessoas Normais*, a falta de diálogos explícitos entre os protagonistas, assim como as frases interrompidas ou não concluídas, funciona como marcas desse silêncio significativo. Esses vazios nos discursos dos personagens não representam ausência de sentido; ao contrário, configuram um modo particular de produção de sentidos que evidencia a dificuldade de Marianne e Connell em ocupar posições discursivas estáveis. O silêncio que se estabelece entre eles expõe tensões, afetos e conflitos subjetivos que não conseguem emergir plenamente na linguagem. Além disso, como observa Barros-Del Río, esses silenciamentos também “refletem a posição dos indivíduos dentro das sociedades neoliberais e os efeitos alienantes da lógica neoliberal” (2025, p. 110). Dessa forma, os não-ditos operam simultaneamente no nível íntimo e no nível socio-histórico, articulando subjetividade e contexto. O que não é dito torna-se tão relevante quanto o que é verbalizado. O silêncio funciona como espaço de deslocamento e elaboração emocional, permitindo que os personagens revelem, na ausência de palavras, suas fragilidades, inseguranças e modos de significar o vínculo que constroem.

Esta seção buscará não apenas analisar os discursos e as ausências de fala que moldam o relacionamento dos protagonistas, Marianne e Connell, mas também estabelecer um paralelo com as condições históricas discutidas na seção anterior. Pretende-se compreender de que forma o silêncio que permeia a vida desses personagens reflete e dialoga com o silêncio historicamente constituinte da experiência irlandesa, um silêncio herdado, culturalmente internalizado e reproduzido nas relações pessoais. Assim, o estudo procurará evidenciar como as dinâmicas de comunicação, ou sua ausência, entre Marianne e Connell espelham as marcas de um passado coletivo de repressão, censura e contenção emocional, revelando a persistência dessas estruturas no imaginário contemporâneo da Irlanda.

A dinâmica central de *Pessoas Normais* é marcada por um relacionamento sustentado no silêncio desde o seu início. Connell e Marianne constroem um envolvimento amoroso mantido em segredo dos amigos e dos círculos sociais, utilizando o silêncio como mecanismo de proteção, mas também de isolamento. Essa incapacidade de comunicar abertamente seus sentimentos e intenções é, ironicamente, o que provoca os sucessivos afastamentos e mal-entendidos que estruturam a narrativa. Ao analisar essa característica, José Carregal-Romero (2023) argumenta que Sally Rooney vai além da simples exposição da vulnerabilidade emocional dos protagonistas. Para o crítico, a autora “amplia o uso do silêncio como recusa e resistência para destacar os problemas sistêmicos e as instabilidades da cultura competitiva e individualista de hoje” (p. 223). Dessa forma, o silêncio pessoal dos personagens espelha a

alienação de uma geração pressionada pelas exigências sociais, afetivas e econômicas do presente. Esse silêncio, contudo, não se limita à esfera íntima: ele também reverbera tensões históricas e estruturais. A relação entre Marianne e Connell é atravessada por uma ruptura de classe profundamente marcada na sociedade irlandesa. Marianne pertence a uma família rica e habita em uma mansão, espaço que carrega ecos da herança anglo-irlandesa, ligada a privilégios de longos tempos. Já Connell vem de uma família da classe trabalhadora, e sua mãe exerce o trabalho doméstico justamente na casa de Marianne. A assimetria entre colonizadores e colonizados, entre herdeiros e trabalhadores, paira silenciosamente sobre o vínculo entre eles. O silêncio que permeia o relacionamento não é apenas emocional: ele condensa a impossibilidade de nomear, enfrentar ou transcender desigualdades históricas que moldam suas subjetividades. Rooney transforma, assim, o silêncio em um gesto duplo, íntimo e político, que revela tanto os limites das relações pessoais quanto as fissuras de uma Irlanda contemporânea ainda marcada por seus passados divididos.

As relações interpessoais no romance são marcadas por tensões sutis e pela dificuldade de expressão emocional. Seus personagens, especialmente os jovens adultos, vivem em um contexto de mudanças sociais e econômicas que moldam seus comportamentos e afetos. As dinâmicas de poder, o medo da vulnerabilidade e a pressão por corresponder às expectativas externas atravessam suas experiências íntimas, tornando a comunicação fragmentada e, muitas vezes, dolorosa. É nesse cenário que se evidencia como o silêncio e a incompreensão se tornam elementos centrais nas relações humanas retratadas por Sally Rooney, especialmente em *Pessoas Normais*. Sobre isso, Carregal-Romero (2023) menciona:

Na obra de Rooney, esse sofrimento se intensifica pelo silêncio e pela má comunicação, e a escritora destaca o abismo entre os aspectos sociais e privados de seus personagens. Em uma era de autopromoção e constante auto-projeção, tudo isso amplificado por uma cultura da Internet onipresente que afeta a interação humana, os personagens de Rooney engajam em conversas sobre política radical e estilos de vida alternativos, mas ainda assim têm dificuldades com intimidade emocional, e seus relacionamentos são afetados por restrições neoliberais, como distinções e preconceitos baseados em classe, bem como hierarquias de gênero e sexualidade frequentemente estabelecidas através da (auto)objetificação. (Carregal-Romero, 2023, p. 214)¹⁴

¹⁴ *In Rooney's work, this suffering becomes intensified by silence and miscommunication, and the writer highlights the chasm between her characters' social and private selves. In an age of self-branding and constant self-projection, all this amplified by an omnipresent Internet culture affecting human interaction, Rooney's characters engage in conversations on radical politics and alternative lifestyles, but they nonetheless struggle with emotional intimacy, and their relationships become affected by neoliberal constraints like class-based distinctions and prejudice, as well as gender and sexual hierarchies often established through (self-)objectification.*

Observamos que Rooney utiliza o silêncio em sua narrativa não apenas como um traço temático, mas como um dispositivo estruturante e estilístico que lhe permite criticar as deficiências e os efeitos desumanizadores da cultura neoliberal. Nesse sentido, o silêncio ultrapassa a mera ausência de fala: ele funciona como um espelho das dificuldades de conexão e empatia em uma sociedade regida pelo individualismo, pela constante performance de si e pela normatividade afetiva que desencoraja a vulnerabilidade. Ao restringir diálogos explícitos, Rooney abre espaço para investigar de modo mais profundo a interioridade dos protagonistas. A ausência de fala torna-se, assim, uma estratégia literária que intensifica a introspecção, revelando hesitações, afetos reprimidos e conflitos subjetivos que dificilmente emergiriam em diálogos diretos.

Carregal Romero (2023) argumenta que Rooney segue tanto à tradição da escritora inglesa Jane Austen quanto às inovações do modernismo. Essa associação ajuda a compreender como o silêncio também opera como forma e não apenas como tema, em *Pessoas Normais*. De Austen, Rooney utiliza a capacidade de revelar tensões emocionais e sociais por meio de gestos mínimos, pausas, mal-entendidos e conversas interrompidas, elementos que, na obra da escritora inglesa, funcionam como indícios sutis das restrições impostas por classe, gênero e convenções sociais. Já do modernismo, podemos mencionar que Rooney recupera a ênfase na vida interior e na exploração da consciência, priorizando o fluxo psicológico e afetivo dos personagens em vez de diálogos extensos ou explicações narrativas diretas. Assim, quando Rooney reduz ou suspende diálogos, ela o faz para deslocar o foco do leitor para o espaço mental de Marianne e Connell, permitindo que o não dito adquira densidade interpretativa.

Dessa forma, Rooney transforma o não dito em uma poderosa ferramenta de denúncia e reflexão sobre as fragilidades emocionais e estruturais de seu tempo. Acerca do uso do silêncio em *Pessoas Normais*, Carregal-Romero (2023) salienta:

Em algumas ocasiões, o silêncio significa uma recusa em conformar-se, o que, embora implique resistência, pode levar à marginalização. O silêncio também é proeminente nas representações de Rooney sobre a autorregulação de seus personagens, sua incapacidade de lidar com danos emocionais, seu uso da ironia para mascarar frustração, bem como suas pressões pessoais para esconder vulnerabilidade. A comunicação entre amantes é frequentemente dificultada pela relutância e evasão, mal-entendidos e, às vezes, pela cegueira intencional em relação ao sofrimento do outro. Os protagonistas de Rooney mal conseguem verbalizar suas crises emocionais, que se manifestam no corpo como portador dador. (Carregal-Romero, 2023, p. 215).¹⁵

¹⁵ On some occasions, silence signifies a refusal to conform, which, while implying resistance, may lead to marginalisation. Silence is also prominent in Rooney's portrayals of her characters' self-regulation, their incapacity to deal with emotional damage, their use of irony to mask frustration, as well as their personal pressures to hide vulnerability. Communication between lovers is often hampered by reluctance and avoidance,

No início do relacionamento, Connell propôs que o envolvimento dos dois permanecesse em segredo, e a proposta foi aceita por Marianne. Apesar de o romance ser narrado em terceira pessoa, a oscilação entre as percepções dos personagens permite saber como cada um se sente individualmente. A dinâmica entre os dois se desenvolve entre o silêncio da escola e os poucos diálogos que estabelecem quando Connell busca a mãe que trabalha para a família de Marianne. A relação se estabelece sempre às escondidas, seja na casa de Marianne ou na de Connell, mas sempre longe dos amigos e da escola. Acerca dessa relação construída pela autora, Barros -Del Río comenta:

Os romances de Sally Rooney retratam uma geração jovem moldada por marcadores simbólicos de identidade que se entrelaçam e os situam em um estado permanente de liminaridade que engloba tensões e conflitos. Isso é particularmente notável na forma como o romance expressa a relação recíproca entre classe e gênero, que em um contexto neoliberal implica o exercício do poder. Essa ideia é evidenciada desde o início: Connell decide manter o caso em segredo por medo de perder seu prestígio social, e Marianne se submete à vontade dele por medo de ficar sem nada. (2022. p. 182).¹⁶

O silêncio desempenha um papel fundamental nessa dinâmica de poder entre os personagens, funcionando como expressão concreta das tensões entre classe e gênero. Quando Connell escolhe manter o relacionamento em segredo, o silêncio não é apenas ausência de fala, mas um mecanismo de preservação do seu lugar social, um recurso de proteção da própria imagem diante dos colegas de escola. Para Marianne, por sua vez, aceitar esse silêncio significa internalizar uma posição de subordinação, ela se cala e se adapta por medo da exclusão e da perda, reforçando uma lógica de invisibilidade que a acompanha em outras esferas de sua vida. Dessa forma, o silêncio não surge como neutralidade, mas como instrumento simbólico que sustenta desigualdades, revelando como a intimidade é atravessada por relações de poder que impõem restrições à voz e ao reconhecimento dos sujeitos. Na escola, Connell ignora Marianne para que os colegas não percebam nada, e ela o admira de longe. Essa dualidade é o que estabelece a base do romance.

misunderstandings and, sometimes, willful blindness towards the distress of the other. Rooney's protagonists can hardly verbalise their emotional crises, which manifest on the body as the bearer of pain.

¹⁶ Sally Rooney's novels portray a young generation framed by symbolic identity markers that intertwine and situate them in a permanent state of liminality that encompasses tensions and conflict. This is particularly notable in the way the novel expresses the reciprocal relation between class and gender, which in a neoliberal context entails the exertion of power. This idea is evidenced from the beginning: Connell decides to keep the affair secret for fear of losing his social prestige, and Marianne submits to his will for fear of being left with nothing.

Connell, como sempre, não falou com Marianne na escola, nem a olhou. Ela o observava do outro lado da sala enquanto ele conjugava verbos, mordendo a ponta da caneta. Do outro canto do refeitório durante o almoço, rindo de alguma coisa com os amigos. O segredo deles pesava por dentro de seu corpo de uma forma prazerosa, comprimindo o osso pélvico quando ela se mexia. (Rooney, 2018, p. 23)

Esse envolvimento que estabelecem no ensino médio não é nominado por eles. Connell usa Marianne e ela aceita a relação como é proposta desde o primeiro beijo. Com o passar do tempo na narrativa, nota-se que uma intimidade é construída entre os dois, entretanto quando chega o baile da escola, Connell diz que vai convidar outra garota que é sua amiga. Nesse momento Marianne questiona se a relação deles também é de amizade e Connell não consegue explicar o que exatamente é construído entre eles.

Em abril, Connell lhe disse que levaria Rachel Moran ao baile. Marianne estava sentada de lado na cama dele naquele momento, agindo com muita frieza e comichice, o que o deixou sem jeito. Disse que não era “romântico”, e que ele e Rachel eram amigos.

Que nem nós dois somos só amigos, disse Marianne.

Bom, não, ele disse. É diferente.

Mas você está ficando com ela?

Não. Quando eu teria tempo pra isso?

Você quer?, perguntou Marianne.

Não sou muito chegado na ideia. Não acho que sou tão insaciável assim, na verdade, eu já tenho você.

[...]

Eu sei que você está puta comigo.

Não me importo, ela disse. Só acho que se quer ficar com ele você devia me contar.

É, eu vou contar, se um dia quiser. Você está dizendo que essa é a questão, mas eu sinceramente não acho que seja.

Marianne estourou: Então é o que? Ele apenas a encarou. (Rooney, 2018, p.65)

Após esse episódio, Marianne decide abandonar a rotina escolar e concluir o ensino médio estudando em casa. Sentindo-se profundamente humilhada por ter sido trocada por outra pessoa e por não receber o convite de Connell para o baile, ela se isola ainda mais. Conforme observa Carregal-Romero, os protagonistas de Rooney “enfrentam o desafio de reconfigurar seus relacionamentos e suas vidas afetivas como forma de aliviar o isolamento e escapar do julgamento tóxico e negativo que fazem de si mesmos” (2023, p. 214). Durante esse período de afastamento, Connell tenta entrar em contato por meio de mensagens, mas não obtém resposta. Ele acaba indo ao baile acompanhado da amiga escolhida, enquanto Marianne permanece reclusa. Os dois só voltam a se encontrar três meses depois, já no início da vida universitária. Quando se reencontram na universidade, Marianne experimenta uma ascensão social evidente: cercada de amigos, está sempre presente em festas e circula com naturalidade nesse novo ambiente. Connell, por outro lado, sente-se deslocado, como um peixe fora d’água. Passa

a comparar seu estilo ao dos colegas, sempre vestidos de acordo com a moda, e percebe que não conquista amizades com a mesma facilidade que na escola. Sua aparência física, antes motivo de prestígio em sua cidade natal, já não tem o mesmo valor no espaço universitário. Além disso, as questões financeiras tornam-se um peso cada vez maior em sua vida e influenciam diretamente sua relação com Marianne. É importante mencionar que dinheiro também não era um assunto que eles conversavam:

Ele e Marianne nunca falavam de dinheiro. Nunca falavam, por exemplo, do fato de que a mãe dela pagava à mãe dele para esfregar o chão e pendurar as roupas lavadas, ou do fato de que esse dinheiro circulava indiretamente até Connell, que o gastava, de modo geral, com Marianne. Ele detestava ter que pensar em coisas assim. Sabia que Marianne nunca tinhapensadodessaforma. Ela lhe dava coisas o tempo inteiro, jantar, ingressos de cinema, coisas que ela pagava e instantaneamente, permanentemente, esquecia. (Rooney, 2018, p. 126).

Embora ainda não definam o vínculo que os une, eles passam a se expor mais como casal diante dos colegas da universidade. A precariedade econômica de Connell, porém, o impede de permanecer em Dublin durante as férias pagando aluguel, o que o leva a considerar a possibilidade de morar com Marianne em seu apartamento.

A realidade era que, de qualquer forma, quase sempre passava a noite no apartamento de Marianne. Poderia simplesmente lhe contar a situação e perguntar se poderia ficar na casa dela até setembro. Sabia que ela diria que sim. Achava que fosse dizer que sim, era difícil imaginá-la não dizendo que sim. Mas se viu adiando a conversa, evitando as perguntas de Niall sobre isso, planejando tocar no assunto com ela e não conseguindo no último minuto. (Rooney, 2018, p. 126).

Embora Connell tivesse refletido inúmeras vezes sobre a situação, quando finalmente revela a Marianne que não poderá permanecer em Dublin durante as férias e que precisará retornar para casa, a conversa entre os dois se mostra truncada, marcada por silêncios e mal-entendidos. A ausência de uma verdadeira dinâmica no diálogo, somada à dificuldade de expressarem seus sentimentos de forma clara, culmina no rompimento do relacionamento.

Não conseguia entender como aquilo havia acontecido, como deixou a discussão lhe escapar desse jeito. Seria tarde demais para falar que queria ficar com ela, isso era claro, mas quando havia ficado tarde demais? Parecia ter acontecido imediatamente. Ele cogitou apoiar o rosto na mesa e chorar como uma criança. Porém, abriu os olhos de novo.

É, ele disse. Não estou largando a faculdade, não se preocupe.

Então você vai passar só três meses fora.

Isso.

Houve uma longa pausa.

Sei lá, imagino que você vá querer sair com outras pessoas, né?

Enfim, em um tom que lhe pareceu genuinamente gelido, Marianne respondeu: Claro.

Ele se levantou e despejou o café na pia, embora não tivesse terminado. Quando saiu do prédio, de fato chorou, tanto por conta de sua fantasia patética de viver no apartamento quanto pela relação fracassada, fosse ela o que fosse. (Rooney, 2018, p. 128).

O silêncio presente no relacionamento de Connell e Marianne permanece até as últimas páginas do romance quando já enfrentaram muitas idas e vindas desde o ensino médio. Connell se candidata para uma bolsa em Nova York e não comenta com Marianne. O assunto só é falado quando recebe resposta positiva da bolsa.

Connell, de quem é? ela diz.
De uma universidade de Nova York. Parece que estão me oferecendo uma vaga no mestrado em belas-artes. O programa de escrita criativa, sabe?
Você não me contou que tinha se candidatado, ela diz. Ele apenas olha para ela. Assim, parabéns, ela diz. Não me surpreende que te aceitem, só me surpreende que você não tenha falado nisso.
Ele assente, o rosto inexpressivo, e então olha de novo para o notebook.
Sei lá, ele diz. Eu devia ter te falado, mas sinceramente achava a probabilidade muito remota.
Bom, isso não é razão pra não falar. (Rooney, 2018, p. 260).

Apesar de toda a complexidade que marca a relação entre Marianne e Connell, é no vínculo que constroem que ambos encontram um raro refúgio de honestidade e escuta verdadeira, um espaço de silêncio compartilhado que se torna mais expressivo do que qualquer diálogo. Em meio a uma sociedade moldada historicamente pelo não-dito, como a irlandesa, onde o silêncio foi durante séculos uma forma de repressão e de sobrevivência, os protagonistas de *Pessoas Normais* repetem e, ao mesmo tempo, transformam esse legado.

Connell, acostumado a silenciar suas emoções e opiniões para se encaixar nos padrões sociais de sua cidade natal, encontra em Marianne a possibilidade de romper com essa lógica. Ela é a única pessoa diante da qual ele se permite falar sem censura, sem precisar fingir ou atuar para preservar sua popularidade ou sua imagem pública. Com Marianne, Connell descobre o valor do silêncio como acolhimento, um espaço em que a palavra pode emergir sem medo. Por outro lado, Marianne, que vive em uma casa marcada por um silêncio violento e autoritário, onde o diálogo é substituído pela indiferença e pela dor contida, aprende com Connell que o silêncio também pode ser partilha. É com ele que ela revela sua vulnerabilidade, sua carência afetiva e seus sentimentos mais íntimos, dimensões que, para todos os outros, permanecem ocultas. Entre os dois, o silêncio deixa de ser apenas ausência de voz para tornar-se uma forma de comunicação profunda e carregada de significado. Ele funciona como um elo entre as experiências pessoais dos personagens e a própria história da Irlanda, um país em que o não-dito foi por muito tempo um modo de existir e resistir. Dessa forma, o silêncio entre Marianne

e Connell não é mero sintoma da dificuldade de comunicação, mas herança de uma cultura em que o que se cala diz tanto quanto o que se fala. Sally Rooney reinscreve na intimidade dos protagonistas o eco de um silêncio histórico e coletivo, transformando-o em linguagem emocional. No encontro entre Marianne e Connell, o silêncio já não é apenas repressão, é também reconhecimento, escuta e possibilidade de verdade.

O silêncio em *Pessoas Normais* revela-se um princípio organizador que ultrapassa o plano temático e se consolida como chave interpretativa da obra. Rooney transforma o não dito em um espaço de significação onde se articulam intimidade, crítica social e memória histórica. A autora utiliza o silêncio para iluminar as zonas de vulnerabilidade emocional dos protagonistas, ao mesmo tempo em que denuncia as pressões neoliberais, as desigualdades de classe e os resquícios coloniais que estruturam a sociedade irlandesa. Assim, o silêncio deixa de ser apenas ausência de fala e passa a operar como um gesto estético e político: aquilo que não se comunica, que permanece suspenso ou reprimido, torna-se justamente o que mais revela sobre Connell, Marianne e o mundo que os cerca. Desse modo, Rooney evidencia que o silêncio não empobrece a narrativa, ao contrário, é nele que a obra encontra sua potência crítica e afetiva.

4 TUDO COMEÇA EM CASA

Existem momentos na vida em que damos um salto, e o passado que nos sustentava até então sai de trás de nós e o futuro onde pretendíamos aterrissar ainda não está em seu lugar, e por um instante ficamos surpresos, sem reconhecer nada nem ninguém, nem a nós mesmos.

Ann Patchett, *A Casa Holandesa*

Segundo o pediatra e psicanalista Donald Woods Winnicott a formação emocional de um indivíduo tem suas raízes mais profundas no ambiente familiar. É nesse espaço íntimo e primário que as experiências fundamentais de afeto, cuidado, segurança e pertencimento são vivenciadas, servindo como alicerce para o desenvolvimento psicológico. Em seu livro *Tudo Começa em Casa* {1986} (2021), que foi usado como inspiração para o título deste capítulo, o autor reforça que a ideia de que um desenvolvimento emocional equilibrado depende, sobretudo, da qualidade das relações familiares iniciais. Para Winnicott, a saúde emocional de um indivíduo começa no lar. A família, nesse sentido, representa o primeiro espaço de reconhecimento, onde a criança se descobre como sujeito e começa a construir sua identidade. A qualidade das interações nesse núcleo inicial molda diretamente a capacidade da pessoa de se relacionar com o mundo e consigo mesma no futuro. A maneira como a família acolhe ou negligencia as emoções da criança estabelecem um modelo interno de como o amor e a segurança funcionam. Esse modelo, por sua vez, influencia a formação de laços afetivos na vida adulta, a resiliência diante de desafios e a percepção de seu próprio valor. As contribuições de Winnicott ampliaram a compreensão sobre a importância dos vínculos afetivos nos primeiros anos de vida e o papel essencial da família como ambiente facilitador do amadurecimento psíquico. A relação familiar que é iniciada em casa, molda a criança para a maior parte das vivências que farão parte de sua vida futura. O aprendizado do lar servirá como ponto de partida para suas relações como outros ao longo da vida.

A figura da mãe suficientemente boa, conceito criado por Winnicott, refere-se a uma mãe que não é perfeita, mas capaz de oferecer um ambiente realista, afetuoso e estável, no qual a criança se sente acolhida. Essa presença favorece a constituição do self, pois permite que o bebê experimente segurança e confiança. Por ser humana e poder naturalmente falhar, essa mãe possibilita que o indivíduo aprenda a tolerar frustrações e a compreender gradualmente como o mundo funciona, o que se torna fundamental para o desenvolvimento da autonomia.

É a partir dessa primeira relação de cuidado que pode emergir o verdadeiro self, ligado à espontaneidade, autenticidade e vitalidade. No entanto, quando o vínculo com a mãe ou

cuidador falha de modo significativo, surge o falso self como mecanismo de defesa. Nessa situação, o bebê é forçado a se adaptar às exigências do ambiente, ocultando sua expressão genuína e construindo uma identidade aparente, moldada pelas expectativas externas. Embora o falso self permita a adaptação social, ele o faz à custa de um sentimento de vazio interno e de perda de autenticidade. Assim, a família, especialmente nos primeiros anos de vida, constitui-se como o espaço primordial da formação do sujeito. Quando o ambiente falha em oferecer essa sustentação, as consequências podem se prolongar por toda a vida adulta, comprometendo a saúde emocional, os vínculos afetivos e a percepção de si e do outro.

Em *Pessoas Normais*, a dinâmica entre os protagonistas Marianne e Connell revela com profundidade os efeitos silenciosos e duradouros da formação familiar sobre a subjetividade. Marianne, desde a infância, convive com a violência e a negligência afetiva. Criada em um ambiente marcado por agressões físicas e emocionais, e pelo silêncio conivente da mãe, a personagem desenvolve a crença de que não merece amor. A ausência de uma figura materna protetora, somada a uma cultura de repressão emocional, molda sua visão de mundo e sua relação com os outros. O amor, para Marianne, surge como algo distante e violento, uma ideia sempre ligada à dor e à submissão.

Por outro lado, Connell, embora cresça em um ambiente familiar menos hostil, também enfrenta suas próprias angústias emocionais. Criado por uma mãe amorosa, mas que enfrentou preconceitos socioafetivos e dificuldades econômicas, o personagem convive com um sentimento constante de inadequação e insegurança. A ilusão de que precisa constantemente provar seu valor o leva a um estado de ansiedade e confusão emocional. Tanto Marianne deseja desesperadamente ser amada, quanto Connell também o deseja. Ele precisa sentir que suas ações são aprovadas pelos que estão ao seu redor. Os dois personagens ilustram, de maneiras distintas, como a família, ainda que em diferentes graus de disfunção, deixa marcas profundas na psique.

Marianne e Connell estão inseridos em contextos familiares marcados pela disfuncionalidade. Marianne, embora provenha de uma família com boa condição financeira e com a presença de ambos os pais, é cercada por um ambiente permeado por violência e traumas. Connell, por sua vez, conta apenas com a presença materna como figura familiar constante em sua vida. Sobre essa questão da disfuncionalidade familiar, Deborah Chambers observa que:

A família funcional moderna não pode operar efetivamente como um ideal regulador sem a ideia subjacente de estar sob ataque de forças profundamente desestabilizadoras. A família disfuncional, e seus membros individuais, atuam como um contraponto, como um lembrete permanente da necessidade de lutar pela preservação do ideal como algo mais do que um mito, como algo que já existiu e que

deve ser recuperado. [...] A família nuclear é inventada e reinventada, e mantida viva na retórica política e na ficção através da mobilização incessante contra os perigos da disfuncionalidade. A família nuclear branca de classe média pode ser um fragmento da imaginação pública, mas passou a representar algo além de si mesma: pureza moral e bondade. Passou a representar algo que deveria existir. (2001, p. 66)¹⁷

A reflexão da autora evidencia como o conceito de família funcional moderna se sustenta não apenas em sua própria estrutura, mas, sobretudo, na existência simbólica de seu oposto: a família disfuncional. Essa oposição cria uma narrativa moral e social que legitima a manutenção do ideal da família nuclear — branca, heterossexual e de classe média — como modelo de estabilidade, pureza e virtude. Tal ideal, no entanto, é constantemente ameaçado por “forças desestabilizadoras”, sendo necessário reafirmá-lo por meio de discursos políticos, midiáticos e literários que o romantizam e o colocam como algo que precisa ser preservado ou restaurado. Assim, mais do que uma unidade afetiva, a família torna-se um dispositivo ideológico que opera na regulação de comportamentos e valores sociais. Na literatura contemporânea, especialmente em contextos como o irlandês, esse ideal é frequentemente tensionado por narrativas que expõem as fissuras e violências ocultas sob a aparência de normalidade familiar, revelando que o mito da família perfeita se sustenta, em grande parte, sobre o silenciamento e a repressão das suas disfunções.

Para Marlene Strey (2007), a família constitui a principal rede de relações humanas e a mais íntima fonte de apoio emocional. Quando essa rede falha, seja por excesso de silêncio, violência explícita ou ausência de validação emocional, instala-se um vazio afetivo que compromete o desenvolvimento subjetivo. Em Marianne, esse vazio se expressa na autonegação e na submissão. Em Connell, manifesta-se pela insegurança constante e pela dificuldade de se reconhecer como alguém merecedor de amor.

Ao longo deste capítulo, analisaremos a trajetória emocional de Marianne e Connell à luz da psicanálise winnicottiana e de autores que investigam os efeitos da violência familiar e do silêncio cultural. Serão exploradas as marcas da negligência materna, os reflexos das experiências traumáticas da infância nos relacionamentos adultos e as diferentes formas de como o desejo de ser amado se manifesta. Enquanto Marianne internaliza o desamor como

¹⁷ *Modern functional family cannot operate effectively as a regulatory ideal without inventing the idea of being under siege from deeply disruptive forces. The dysfunctional family, and its individual members, act as a counterfoil, as a permanent reminder of the need to fight for the preservation of the ideal as something more than a myth, as something that once existed and that must be recovered. [...] The nuclear family is invented and reinvented, and kept alive in political rhetoric and fiction through endless mobilization against the perils of dysfunctionality. The middle-class white nuclear family may be a figment of the public imagination, but it has come to stand for something beyond itself: moral purity and goodness. It has come to represent something that ought to exist.*

destino, Connell luta contra a sensação de nunca ser suficiente. Juntos, eles expressam dois extremos de uma mesma ferida: a impossibilidade de se sentir verdadeiramente amado.

4.1 O desejo de ser amada

Marianne cresceu em um ambiente onde a violência doméstica era naturalizada. Essa realidade distorcida levou-a, ainda na adolescência, a acreditar que não merecia amor, pois nunca aprendeu a reconhecê-lo ou vivenciá-lo em casa. Winnicott {1986} (2021) ressalta que a família é o espaço em que as crianças vivem suas primeiras experiências emocionais intensas, sentimentos de amor, ódio, dependência e frustração, e esperam receber simpatia e tolerância para aprender a lidar com tais emoções. Por isso, uma família acolhedora é muito relevante na formação do indivíduo. Sobre isso, Sarah Maya Arie, argumenta:

A presença de cuidadores amorosos e acolhedores dentro do núcleo familiar proporciona segurança, afeto e estabilidade emocional para a criança, permitindo que ela se sinta protegida e confiante para explorar o mundo ao seu redor. (Arie, 2024, p.4)

O afeto, para Marianne, no entanto, tornou-se um conceito abstrato, reservado a outras realidades que não a sua. A ausência de referências positivas no âmbito familiar deixou marcas profundas, comprometendo seu desenvolvimento emocional e sua capacidade de estabelecer vínculos saudáveis. Em sua concepção, o amor se manifesta por meio de agressões físicas e psicológicas, por isso buscou encontrar violência em seus relacionamentos amorosos, familiares e interpessoais. Apesar de naturalizar sua condição, Marianne tem consciência da anormalidade de sua socialização. “Desde cedo sua vida foi anormal, ela sabe. Mas tanto foi encoberto pelo tempo, assim como as folhas caem e cobrem um pedaço de terra, e uma hora ou outra se misturam ao solo” (Rooney, 2019, p. 238). A forma que Marianne externaliza seus pensamentos evidenciam como o acúmulo de traumas e silêncios, com o passar do tempo, vai se incorporando a ela própria até se tornar parte da própria identidade. O processo de internalização da violência e do abandono afetivo transformou Marianne em uma pessoa tóxica para si mesma e para seus parceiros. A base familiar, que deveria ser fonte de cuidado, afeto e respeito, mostrou-se falha.

Podemos observar no trecho a seguir como a personagem passou a vida inteira em meio aos conflitos familiares em casa:

Passou grande parte da infância e da adolescência criando esquemas complexos para se retirar do conflito familiar: ficando totalmente calada, mantendo o rosto e o corpo inexpressivos e imóveis, saindo silenciosamente da sala e indo para seu quarto, fechando a porta sem fazer barulho. Trancando-se no banheiro. Ficando longe de casa por um número indeterminado de horas, sentada sozinha no estacionamento da escola. Nenhuma dessas estratégias jamais se provou um sucesso. Na verdade, suas táticas só pareceram aumentar a possibilidade de que fosse punida como instigadora primária. Agora vê que sua tentativa de evitar o Natal em família, sempre um auge das hostilidades, será inserida no livro de contabilidade doméstica como mais um exemplo da conduta ofensiva de sua parte. (ROONEY, 2019, p. 195)

Esse vácuo emocional, no caso de Marianne, transforma-se em autossabotagem e na repetição inconsciente de padrões abusivos, como se a dor e a submissão fossem componentes inevitáveis do amor. A ausência de uma base familiar segura e acolhedora rompe com a possibilidade de autorreconhecimento positivo, fazendo com que ela, constantemente, se veja como alguém diferente, indigna ou errada. Assim, as feridas do passado não apenas persistem, mas se reatualizam nos vínculos afetivos que Marianne tenta construir, perpetuando o ciclo de sofrimento. Em relação aos padrões familiares na construção das recordações da infância, Winnicott {1986} (2021) diz:

São os padrões familiares da criança, mais do que qualquer outra coisa, que a abastecem com recordação do passado, de tal modo que, ao descobrir o mundo, há sempre uma viagem de volta – e essa viagem faz sentido para ela. Caso seja a família da própria criança, então a viagem de volta não coloca pressão em ninguém, porque é da essência da família que ela permaneça orientada para si mesma e para as pessoas que a constituem. (Winnicott, {1986} 2021, p. 159)

No caso de Marianne, o retorno ao passado está inevitavelmente associado às lembranças de violência vividas no ambiente doméstico. O ciclo tem início com Denise, sua mãe, que também foi marcada por uma trajetória de violência conjugal. Silenciosa diante dos abusos do marido, Denise permitiu que a raiva dele se voltasse com frequência contra a si própria e a filha. A convivência silenciosa da mãe instaurou em sua formação subjetiva uma lógica de medo, insegurança e abandono. Esse padrão relacional transmitido gerou, em Marianne, uma visão distorcida sobre o que é amar e ser amada. Denise era incapaz de se defender do próprio marido e de proteger a filha, também naturalizava seu filho, minimizando o comportamento dele em relação à Marianne, quando esta se expressava sobre o assunto, como se pode ver no trecho a seguir:

Não sei se você se dá conta de que a universidade é um ambiente muito protegido. Não é como um trabalho. Bom duvido que alguém no trabalho cuspa em mim por causa de uma discordância, disse Marianne. Isso não seria visto com bons olhos por ninguém, pelo que sei. Denise deu um sorriso de lábios contraídos. *Se você não aguenta um pouco de rixa entre irmãos, não se como vai aguentar a vida adulta, querida, ela disse* (Rooney, 2018, p. 146 – grifo nosso).

A realidade vivida por Denise reflete heranças históricas e culturais próprias da sociedade irlandesa. De acordo com Rejane Ferreira (2014), o silêncio das mulheres na Irlanda é uma prática opressiva que limita a discussão de experiências traumáticas e impede a busca por soluções. Bonnet e Ferreira complementam essa análise ao afirmar que o comportamento de muitas mulheres diante da violência doméstica revela “parte do silêncio que paira no país com relação à vida privada das famílias irlandesas” (2021, p. 1). O modo como Denise não lidou com as agressões, ensinou à filha que o sofrimento era uma condição aceitável nas relações. Assim, Marianne cresceu sem saber o que era proteção, cuidado ou validação emocional. A confiança entre mãe e filha nunca foi construída, o que reforça o sentimento de abandono. Em uma passagem significativa do romance, essa dinâmica é evidenciada na seguinte fala da personagem:

Mas não teria importância se ela contasse para a mãe, na verdade. Denise decidiu muito tempo atrás que é aceitável que homens usem de agressividade contra Marianne como forma de expressão. Quando criança, Marianne resistia, mas agora simplesmente se desliga, como se não tivesse relevância para ela, o que de certo modo é verdade. Denise considera isso um sintoma da personalidade frígida e detestável da filha. Acredita que Marianne não tem “calor humano”, que para ela é a capacidade de implorar o amor de gente que a odeia. (Rooney, 2018, p. 69)

Nesse trecho do romance podemos observar que Denise detesta a personalidade da filha por não suportar os diversos tipos de violência que vivencia em casa. John Bowlby {1976} (2001), comenta sobre a importância do orgulho e identificação mútuos entre mãe e filho “uma criança precisa sentir que é objeto de prazer e de orgulho para a sua mãe, assim como a mãe necessita sentir uma expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu filho: ambos precisam sentir profundamente identificados um com o outro” (p.69). A criança torna-se, em certo sentido, um espelho em que a mãe se reconhece e se transforma, vendo ali aspectos de si mesma que se projetam e se renovam. Esse movimento é essencial para o fortalecimento do vínculo, pois cria um espaço de identificação profunda entre ambos. Marianne e a mãe pouco se falam ao longo do romance e quando Denise conversa com a filha é para repreendê-la sobre suas atitudes e defender Alan. Marianne nunca vivenciou o sentimento de ser amada ou ser vista pela mãe. Conforme analisado no primeiro capítulo desta pesquisa, esse trauma inicial marcou profundamente seus relacionamentos amorosos, levando a um ciclo de repetição de padrões afetivos.

Para Ferreira (2014), o silêncio das mulheres irlandesas diante da violência doméstica reflete uma cultura opressora que inibe o debate público e dificulta a busca por soluções

efetivas. A violência doméstica na Irlanda possui raízes históricas profundas, enraizadas em uma sociedade patriarcal marcada pela dominação masculina no ambiente familiar. Anne Fogarty (2002) observa que o contexto histórico, político e religioso da Irlanda colabora significativamente para que a tensão entre mãe e filha seja uma constante na literatura contemporânea do país.

As ideias de feminilidade e maternidade estabelecidos pela constituição como um baluarte contra a desordem social e as doenças da modernidade estão agora fortemente contestados na Irlanda contemporânea em contínuas revoltas causadas pelo choque entre os valores patriarcais arraigados e o avanço da ética feminista [...]. As figuras da mãe e filha agem, consequentemente, como locais de contestação, em que noções de identidade feminina são postas à prova, aspectos da opressão masculina são desenterrados e conflitos não resolvidos com a psique feminina são promulgados. (Fogarty, 2002, p. 88)¹⁸

A figura da mãe é frequentemente associada ao trauma de um passado que não pode ser enterrado nem resolvido. Diante disso, a filha se vê forçada a construir sua identidade em meio a sentimentos de ilegitimidade e impotência. Tal dinâmica está profundamente ligada à representação da Irlanda como uma nação-mãe, historicamente submissa à “proteção” do colonizador inglês, imagem que reforça a passividade e o sacrifício da figura materna. Nesse cenário, não há espaço simbólico para a filha: ela se vê espelhada na mãe, mas, ao mesmo tempo, a contesta, pois percebe que a veneração da maternidade, em vez de emponderá-la, serve para diminuí-la como mulher.

Por outro lado, é preciso reconhecer que as linhas de continuidade entre mães e filhas na literatura irlandesa moderna também estão quebradas e são problemáticas. A figura da mãe também passa a ser associada ao trauma de um passado que não pode ser enterrado nem resolvido, e à luta da filha para criar uma identidade diante de um senso avassalador de ilegitimidade e impotência. (Fogarty, 2002, p. 86).¹⁹

Marianne nunca se sentiu segura ao lado de sua mãe. A convivência de Denise diante das agressões cometidas pelo marido no passado deixou marcas profundas no presente da filha, que cresceu em um ambiente emocionalmente negligente e hostil. A falta de acolhimento materno,

¹⁸ *The ideals of femininity and maternity set up in the constitution as a bulwark against social disorder and the ills of modernity are now fiercely contested in contemporary Ireland in the continuing upheavals caused by the clash between entrenched patriarchal values and an advancing feminist ethos [...]. The figures of mother and daughter act, consequently, as sites of contestation in which notions of female identity are put to the test, aspects of patriarchal oppression are unearthed, and unresolved conflicts within the female psyche are enacted.*

¹⁹ By the same token, however, it must be recognised that the lines of continuity between mothers and daughters in modern Irish writing are similarly broken and problematic.” The figure of the mother also becomes associated with the trauma of a past that can neither be buried nor resolved and with the struggle of the daughter to create an identity in the face of an overwhelming sense of illegitimacy and disempowerment.

somada à violência cotidiana, fez com que Marianne começasse a naturalizar comportamentos abusivos e a aceitar agressões masculinas como parte inerente das relações amorosas. Ela não apenas apanhava do irmão, como também acreditava que era normal ser agredida pelos namorados, chegando ao ponto de desejar que eles a machucassem durante o ato sexual. Para Marianne, o amor sempre esteve vinculado à submissão, à dor e à violência, afinal, foram essas as formas de afeto que recebeu das pessoas que, teoricamente, deveriam protegê-la e amá-la. “Não sei por que não consigo fazer as pessoas me amarem. Eu acho que houve alguma coisa errada comigo quando nasci” (Rooney, 2018, p. 182), confessa Marianne, revelando sua profunda sensação de inadequação e indignidade afetiva. Sentia-se odiada pela família e incapaz de ser amada por qualquer pessoa: “Nunca se achou digna de ser amada por alguém” (Rooney, 2018, p. 48). A falta de acolhimento e relacionamento saudável com os familiares, fazem com que a personagem se sinta indigna de ser amada ou cuidada em suas relações com outros.

O desejo de ser amada atravessa todos os relacionamentos amorosos da personagem, desde o ensino médio, quando ela inicia uma espécie de envolvimento com Connell,-Marianne pensa em fazer de tudo para agradá-lo: “Senti que faria qualquer coisa para fazê-lo gostar dela, para fazê-lo dizer em voz alta que gostava dela” (Rooney, 2018, p. 24). Apesar de ter conseguido obter de Connell a declaração verbal que a amava, Marianne, como já mencionamos, não é assumida publicamente por ele e ainda presencia o momento em que ele convida outra garota para o baile de formatura, evento para o qual ela mesma organizou arrecadação de fundos e participou ativamente dos preparativos. Sem receber o convite de Connell e de nenhum outro colega, Marianne sente-se rejeitada e, tomada pela vergonha, decide abandonar a escola.

Na universidade, embora pareça descolada e esteja sempre cercada de amigos, Marianne continua vivenciando relações marcadas pela insegurança e pela violência. Ela própria não entende plenamente seus sentimentos, mas assume papel de submissão de seus relacionamentos sem refletir se realmente gostava – algo que ela só vai entender plenamente no final do romance quando chega no seu limite. Assim que começa o namoro com Jamie, Mariane se declara “submissa” sem nenhum planejamento prévio, surpreendendo até a si mesma. Quando ele pergunta o que ela quer dizer, ela responde: “Gosto quando os caras me machucam, sabe?” (Rooney, 2018, p. 141). A partir disso, o namorado passa a agredi-la fisicamente durante o sexo, utilizando amarras e objetos. Marianne, por sua vez, sente desprezo por ele, e, conseqüentemente, por si mesma. Esse auto ódio acaba despertando nela um desejo confuso de ser subjugada, de certa forma destruída. Durante os atos sexuais, ela descreve um estado de

dissociação: “...seu cérebro simplesmente se esvazia, como uma sala com a luz apagada, e ela estremece até o orgasmo sem nenhuma alegria perceptível”. (Rooney, 2018, p. 142).

O ciclo de violência em relacionamentos também é vivenciado por Marianne fora do âmbito sexual. Jamie, além de concordar em bater em Marianne durante o sexo, a trata com gestos violentos e grosserias. Durante uma viagem com amigos, Jamie tenta obter a aprovação do grupo ao agir de forma rude com Marianne, mas percebe que as pessoas ao redor evitam até encará-lo, incomodadas com sua hostilidade. Sentindo-se injustiçado, ele se levanta abruptamente, derrubando a cadeira em que estava sentado, e vai atrás de Marianne, como podemos observar na cena a seguir:

Ele deixa a taça cair no chão e se espatifar. Marianne grita, um grito genuíno que sai da garganta, e lança seu corpo contra Jamie, passando o braço direito atrás do corpo como se fosse golpeá-lo. Connell se posta entre eles, o vidro triturando sob seus sapatos, e pega Marianne nos braços. Atrás dele, Jamie ri... Você é uma louca de merda, você é, diz Jamie. Você precisa é de ajuda. (Rooney, 2018, p. 179-180)

A submissão de Marianne não se restringe à esfera sexual: ela permeia suas relações interpessoais, amorosas e amizades. Sua postura submissa está profundamente ligada a um desejo constante de ser amada, aceita e reconhecida pelos outros. A própria personagem verbaliza essa angústia ao afirmar: "Não sei o que há de errado comigo", diz Marianne. "Não sei por que não consigo ser que nem as pessoas normais." (Rooney, 2018, p. 182).

Entre os amigos que convive na universidade, Marianne não constrói nenhuma amizade profunda ou significativa. Pelo contrário, parece viver um paradoxo: embora esteja cercada de colegas, inserida em um meio socialmente prestigiado, seus vínculos permanecem marcadas pela superficialidade e pelo distanciamento afetivo. Marianne sente o desejo de ser verdadeiramente amada, bem quista e solicitada pelos amigos, no entanto suas relações de amizades são apenas baseadas em festas, uso de drogas e bebidas. A superficialidade da relação que Mariane mantém com eles pode ser exemplificada quando ela não se sente confortável para falar sobre as boas notas que tira ou quando se submete a ser tratada em tom de zombaria e ser ridicularizada por sua amiga Peggy em conversas com outros. Marianne se importa tanto com Peggy que admite não ter terminado o namoro com Jamie por saber que a amiga gosta dele e sempre o defende “Quando pensa em terminar com ele, o que faz com frequência, não é na reação dele, mas sim na de Peggy que se pega pensando mais. Peggy gosta de Jamie...” (Rooney, 2018, p. 142). Por medo de perder a amizade que tem com Peggy, Marianne evita reclamar de Jamie pois sabe que os comentários da amiga serão tentativas de amenizar ou defender as atitudes machistas e opiniões polêmicas expressadas por Jamie.

Essa dificuldade de se sentir digna de afeto pode ser compreendida à luz da forma como as estruturas familiares tradicionais moldam subjetividades desde a infância. No modelo de família tradicional que ainda prevalece em grande parte da nossa sociedade, os processos de submissão, internalização de valores e controle exercido pelos pais são frequentemente apresentados como naturais e desejáveis. Desde cedo, as crianças são ensinadas a obedecer, aceitar hierarquias e submeter-se à autoridade parental como parte essencial de sua formação moral e social. Esse tipo de relação, que na prática configura um modelo de dominação mascarado de cuidado, é interiorizado de forma profunda e passa a se reproduzir em diferentes esferas da vida. Dessa maneira tornam-se um padrão relacional recorrente, estendendo-se para o ambiente escolar, profissional, afetivo e até mesmo para o espaço público.

Donald Winnicott explica como as experiências precoces no ambiente familiar influenciam a constituição psíquica do indivíduo. Para ele, é no ambiente suficientemente bom, aquele que oferece acolhimento, segurança e a possibilidade de expressão emocional, que a criança desenvolve um verdadeiro *self*. Quando o ambiente falha, especialmente pela ausência de responsividade afetiva, como ocorre com Marianne em sua relação com a mãe, a tendência é que a criança desenvolva um *falso self*: uma personalidade moldada para atender expectativas externas, reprimindo suas próprias necessidades e emoções autênticas. No caso de Marianne, observa-se essa formação de um *falso self*, cuja função é agradar, ceder e se submeter na esperança de ser aceita. Ao não encontrar um espaço afetivo seguro na infância, ela internaliza uma lógica de desvalor e rejeição, que se atualiza em suas relações amorosas marcadas por violência simbólica e verbal. Assim, seus vínculos interpessoais passam a repetir a experiência emocional da infância, perpetuando um ciclo de dor e invisibilidade subjetiva.

Em busca de aceitação, Connell constrói uma máscara social, como um falso *self*, que o impede de mostrar quem ele realmente é. Ele se aprisiona na ilusão de que precisa agradar a todos para ser amado, moldando-se às expectativas externas em vez de expressar seus próprios desejos e vulnerabilidades. Essa busca incessante por aprovação o leva a comprometer sua autenticidade, alimentando um ciclo de insatisfação. Ao analisar as dinâmicas emocionais que moldam os personagens de *Pessoas Normais*, torna-se evidente que suas experiências afetivas estão profundamente enraizadas nas relações familiares e na forma como aprenderam, ou não, a lidar com o amor, o cuidado e a ausência. A psicanálise, ao destacar a importância dos primeiros vínculos, permite compreender como a falta de um ambiente afetivo estável pode gerar marcas duradouras, manifestando-se em inseguranças, retraimentos e dificuldades de conexão emocional na vida adulta. Nesse contexto, a busca por amor e validação torna-se não apenas um desejo, mas uma tentativa constante de preencher lacunas deixadas por experiências

precoces de rejeição ou negligência. É a partir dessa perspectiva que traremos a ilusão de ser suficientemente amado de Connell.

4.2 A ilusão de ser suficientemente amado

A trajetória emocional de Connell é marcada por uma profunda tensão entre o que ele aparenta ser e o que, de fato, sente. Popular na escola, admirado por seus colegas e desejado pelas garotas, Connell parece ocupar uma posição confortável dentro das normas sociais durante o ensino médio. Entretanto, observa-se no romance que essa imagem pública é sustentada por um falso senso de segurança e afeto, uma ilusão de ser suficientemente amado que se desfaz quando ele deixa sua cidade natal e passa a experimentar o anonimato e o desencaixe social. As escolhas que faz no romance revelam um padrão constante de busca por aprovação familiar e social. Desde cedo, Connell é descrito como o bom garoto, mantém boas notas, demonstra boa índole e se comporta de maneira exemplar em todas as circunstâncias. Essa postura, porém, não é apenas reflexo de um comportamento naturalmente disciplinado, mas também de uma necessidade interna de corresponder às expectativas que os outros criaram sobre essa figura sempre responsável que busca atender as expectativas internas que ele cria a respeito de opiniões alheias sobre sua vida. Sua busca incessante por aceitação, embora o mantenha protegido de julgamentos explícitos, também o aprisiona a um papel social rígido. Segundo Winnicott, o *false self* surge como uma adaptação defensiva às exigências do meio, quando o indivíduo prioriza as expectativas externas em detrimento das próprias necessidades e desejos autênticos. No caso de Connell, seu comportamento exemplar e a preocupação constante em não decepcionar, refletem uma organização psíquica voltada para preservar um lugar seguro no olhar do outro, ainda que isso implique silenciar aspectos genuínos de si mesmo.

Quando inicia seu envolvimento com Marianne, ainda no ensino médio, os colegas da escola a veem como esquisita e problemática. Embora tenha sido Marianne quem propôs manter em segredo o envolvimento entre eles na escola, Connell demonstra desde o início certa preocupação: “Acho que na escola seria esquisito se acontecesse alguma coisa entre nós” (Rooney, 2018, p. 21). Essa apreensão se repete quando ele descobre que foi o primeiro beijo de Marianne: “Não sai contando para o pessoal da escola, está bem” (Rooney, 2018, p. 22). Sua inquietação está sempre voltada para a opinião alheia, especialmente a forma como os colegas receberiam suas escolhas. Ele se recusa a assumir o relacionamento com Marianne por medo da reação social: “Se as pessoas descobrissem o que anda fazendo com Marianne, às escondidas,

enquanto a ignora todos os dias na escola, a vida dele estaria acabada.” (Rooney, 2018, p. 70). Esse medo revela mais do que um simples receio adolescente, ele mostra como Connell está preso a um sistema de validação externa, onde o amor e o pertencimento dependem da conformidade das expectativas sociais. O medo de exposição é tão intenso que, mesmo quando Marianne vai à sua casa, Connell se certifica de que ninguém a tenha visto entrar: “Antes de pedir que entre, olha por cima do ombro dela, para assegurar de que ninguém a viu chegar” (Rooney, 2018, p. 24). Quando se submete a viver baseando suas escolhas nos achismos de terceiros, principalmente dos colegas, Connell se autossabota a ponto de não viver sua vida como gostaria. A atitude de se relacionar com Marianne às escondidas mostra como a opinião dos seus colegas é importante para ele. Ao mesmo tempo que não quer expor seu envolvimento, Marianne desperta em Connell o sentimento de ser ele mesmo. Diante dela, ele se sente confortável para falar abertamente sobre seus pensamentos sem se importar com julgamentos:

Quando conversa com Marianne, ele tem uma sensação de completa privacidade. Poderia contar qualquer coisa a seu respeito, até as coisas estranhas, e ela jamais repetiria, ele sabe. Estar sozinho com ela é como abrir uma porta para fora da vida normal e fechá-la depois de passar. Não se sente intimidado por Marianne; ela é, na verdade, uma pessoa bem descontraída, mas ele tem medo de ficar perturbado por causa do jeito confuso com que se vê agindo, as coisas que diz e que não diria normalmente. (Rooney, 2018, p. 13)

Apesar de se sentir livre para expressar seus pensamentos com Marianne, Connell ainda se amedronta com a opinião de terceiros sobre sua vida e por isso não é sincero com seus colegas sobre seus sentimentos para com Marianne, apesar de todos já saberem, algo que Connell só descobrirá quando estiver na universidade.

A tentativa de se relacionar com pessoas socialmente bem aceitas entre os amigos pode ser exemplificada com o envolvimento que mantem com Rachel, apesar de não nomearem a relação, os dois ficam juntos publicamente. Todos na escola sabiam que Rachel gostava de Connell, no entanto a experiência revela o fracasso dessa tentativa dele: “Quando ficavam deitados juntos na cama, ele sentia uma dor opressora no peito e na garganta que dificultava sua respiração.” (Rooney, 2018, p. 79). Connell imaginava que o afeto e o sexo poderiam curar sua solidão, mas percebe que esses gestos, desprovidos de conexão emocional autêntica, apenas a intensificam.

Ele só transou com Rachel duas vezes, nenhuma delas foi boa, e quando ficavam deitados juntos na cama, ele sentia uma dor opressora no peito e na garganta que dificultava sua respiração. Imaginara que ficando com ela se sentiria menos solitário, mas só conferiu à sua solidão um novo toque de teimosia, como se tivesse se plantado dentro dele e fosse impossível de matar. (Rooney, 2018, p. 79)

Com Marianne, Connell consegue se sentir bem internamente, porém ela não era popular ou “normal” entre os colegas e tal fato não deixava que ele a assumisse como namorada ou relacionamento amoroso. Quando tenta ceder a sua pressão interna de agradar os outros, mesmo isso sendo um padrão estabelecido por ele mesmo, internamente Connell não se sente satisfeito ou feliz. Mesmo ciente dessa dinâmica, o personagem considera mais fácil viver pautando-se pela opinião alheia. Ele desempenha esse papel com habilidade, mas não o vivencia como parte autêntica de si. Como ele mesmo descreve, “sua personalidade era como algo externo, gerenciado pelas opiniões dos outros, em vez de algo que ele fizesse ou produzisse individualmente” (Ronney, 2018, p. 74). Ao ingressar na universidade, porém, ele se depara com uma nova realidade e admite como a experiência de tornar-se invisível tem sido difícil de suportar em sua rotina acadêmica:

Na sua cidade, a timidez nunca pareceu ser um grande obstáculo para sua vida social porque todo mundo já sabia quem ele era e nunca houve necessidade de se apresentar ou criar impressões sobre sua personalidade. Na verdade, sua personalidade era como algo externo, gerenciado pelas opiniões dos outros, em vez de algo que ele fizesse ou produzisse individualmente. Agora tem a sensação de invisibilidade, de insignificância, sem reputação que o torne atraente a alguém. Apesar de sua aparência física não ter mudado, ele se sente objetivamente mais feio do que antes. Tornou-se muito consciente das próprias roupas. Todos os caras de sua sala usam as mesmas jaquetas de lona enceradas e calças de sarja cor de ameixa, não que Connell tenha algum problema com a ideia de que os outros se vistam como quiserem, mas ele se sentiria um idiota usando essas coisas. (Rooney, 2018, p. 74)

Sem o contexto social que sustentava seu *falso self*, Connell entra em crise. Sua autoestima desaba, sua percepção corporal se altera, ele se sente mais feio, inseguro, e passa a experimentar um sentimento de invisibilidade. Agora em Dublin, tendo que trabalhar para pagar o aluguel, percebe a diferença financeira que tem dos colegas que o cercam e como sua falta de tempo para integrações sociais dificultam ainda mais sua vida social: “Agora ele está ali, sozinho em um ambiente sem saber se deve tirar o casaco. Parece praticamente escandaloso ficar ali parado na solidão. Tem a sensação de que todo mundo ao seu redor está incomodado com sua presença e tentando não olhar muito para ele”. (Rooney, 2019, p. 70) A falta de aceitação de si mesmo ou pertencimento a um grupo social fazem que com a chegada na faculdade seja ainda mais difícil para ele.

Na universidade, os papéis de Connell e Marianne são invertidos. Connell passa a ser invisível, assim como Marianne era no ensino médio. Entretanto, Marianne brilha como nunca entre festas e muitos amigos. A presença desconfortável em eventos sociais, a sensação de inadequação estética e o contraste com o sucesso social de Marianne acentuam o sentimento de

solidão de Connell: “De repente Marianne tem um namorado descolado e Connell é a pessoa solitária e impopular.” (Rooney, 2018, p. 77). Esse sentimento de estar só que o personagem experimenta não é apenas fruto de circunstâncias externas, mas profundamente psíquica. Ele reflete um self que nunca foi plenamente acolhido ou reconhecido em sua totalidade.

Em contrapartida às atitudes de Connell em relação a Marianne, podemos observar que, ao apresentar Helen como sua primeira namorada à mãe, ele demonstra sentir-se confortável por estar com uma garota que se aproxima do que ele considera socialmente aceitável: “Helen era popular na escola. Em outras palavras, é uma pessoa legal, e Connell está começando a entender que ele realmente gosta de pessoas legais, tanto que deseja ser uma delas.” (Rooney, 2018, p. 166). Apesar de externar gostar de namorar com uma pessoa legal, percebe-se que Connell ainda mantém a preocupação em agradar a mãe, revelando que sua obrigação interna de ser perfeito permanece como parte de sua vida: Helen foi a primeira namorada que Connell apresentou à mãe, e ele se vê curiosamente ávido para impressionar Lorraine, mostrando como a relação deles é normal e como Helen o considera legal. Ele não sabe muito bem de onde vem isso. (Rooney, 2018, p. 158). Além disso, o relacionamento com Helen também parece contribuir para que Connell se sinta validado socialmente:

Quando ela toca nele espontaneamente, aplicando um pouco de pressão em seu braço, ou até estendendo para tirar um fiapinho de sua gola, ele sente uma onda de orgulho e torce para que os outros estejam vendo. Ser conhecido como namorado dela o planta com firmeza no mundo social, o estabelece como uma pessoa aceitável, alguém com um status específico, alguém cujos silêncios convencionais são ponderações, e não inaptidão social (Rooney, 2018, p. 157).

A trajetória de Connell revela que, no âmbito familiar, sua única relação verdadeiramente afetuosa é com a mãe, Lorraine, cuja presença funciona como um ponto de estabilidade emocional ao longo do romance. Embora esse vínculo seja significativo, ele não supre a lacuna deixada pela ausência de outras relações familiares capazes de oferecer reconhecimento e acolhimento. A avó de Connell, por exemplo, expressa uma aceitação restrita tanto da filha quanto do neto, sugerindo que Lorraine teria desperdiçado oportunidades valiosas por ter engravidado na adolescência e criado o filho sozinha. Essa crítica implícita não apenas reforça o julgamento moral que recai sobre Lorraine, mas também expõe a condição afetiva marginal de Connell dentro de sua própria família. Crescendo em um ambiente no qual a validação emocional é rara e em que o afeto circula de modo limitado, o personagem internaliza uma sensação de deslocamento que ultrapassa a esfera doméstica e molda sua percepção de si e dos outros. Desse modo, sua solidão não pode ser compreendida como mera introversão ou retraimento individual, mas como uma experiência persistente, estruturada pela carência de

vínculos familiares que lhe oferecessem um lugar de reconhecimento e segurança. Segundo Winnicott, essa configuração familiar se torna especialmente significativa. Para o psicanalista, o desenvolvimento emocional saudável depende da existência de um ambiente suficientemente bom, capaz de sustentar a espontaneidade do sujeito e permitir que ele se constitua a partir de experiências autênticas. Quando esse ambiente falha, seja pela falta de acolhimento, seja pela presença de relações marcadas por julgamento e insuficiência emocional, o indivíduo tende a desenvolver um falso *self*, voltado à adaptação e à busca constante pela aprovação do outro. É justamente esse processo que se observa em Connell: na ausência de uma rede familiar ampla e afetivamente consistente, ele se vê compelido a modular seu comportamento de acordo com expectativas externas, muitas vezes reprimindo suas próprias necessidades emocionais para preservar a imagem de controle que projeta aos demais. Dessa forma, o vínculo positivo com Lorraine, embora fundamental, não basta para oferecer a sustentação emocional necessária a seu amadurecimento psíquico.

Compreendemos que a solidão de Connell emerge como um elemento estrutural de sua subjetividade, inscrita desde a infância na experiência de insuficiência afetiva dentro do núcleo familiar. A falta de um ambiente suficientemente bom reverbera ao longo de sua vida e molda não apenas sua relação consigo mesmo, mas também sua capacidade de estabelecer laços significativos no presente. Ao revelar essa dimensão silenciosa, Rooney constrói um retrato sensível de um sujeito cuja busca por pertencimento nasce justamente daquilo que lhe faltou desde o início: o reconhecimento emocional que sustenta a formação de um *self* autêntico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *Pessoas Normais*, de Sally Rooney, nasceu de uma inquietação em compreender as dinâmicas familiares e os traumas que permeavam a narrativa. No entanto, à medida que a pesquisa avançou, tornou-se evidente que a obra vai muito além da história de dois jovens irlandeses em busca de identidade e pertencimento, por isso ampliamos a análise em outros aspectos e tratamos dos protagonistas individualmente e comparativamente.

Pessoas Normais revela-se um retrato sensível e profundo da Irlanda contemporânea, em que o silêncio, o sofrimento e as marcas do passado ainda ecoam nas relações íntimas e familiares. A investigação dos protagonistas de forma individual permitiu perceber como suas experiências refletem tanto dilemas pessoais quanto coletivos. Marianne e Connell, com suas dores, fragilidades e dificuldades de comunicação, simbolizam uma geração marcada por rupturas, sejam elas afetivas, sociais ou históricas. Ao mesmo tempo, suas trajetórias revelam a permanência de estruturas familiares disfuncionais e de um modelo de sociedade que, apesar das transformações, ainda carrega fortes traços de repressão emocional e moral.

O romance não se limita apenas a um enredo juvenil sobre amor e amadurecimento, mas se consolida como um drama familiar e social profundamente enraizado na realidade irlandesa. A autora utiliza o silêncio como linguagem e o trauma como herança, tecendo uma narrativa que expõe a vulnerabilidade humana e a dificuldade de estabelecer vínculos autênticos em uma sociedade em constante mudança. Dessa forma, *Pessoas Normais* ultrapassa os limites do romance contemporâneo e se afirma como uma reflexão sobre identidade, memória e afeto, temas universais, mas que, em Rooney, encontram eco nas especificidades da história e da cultura da Irlanda.

Observamos no primeiro capítulo “Trauma e Depressão” que Sally Rooney constrói personagens que condensam, de forma sensível e dolorosa, os efeitos do trauma e do silêncio sobre o indivíduo e a sociedade irlandesa contemporânea. Marianne é marcada profundamente pela violência doméstica e emocional que sofre dentro do próprio lar. A hostilidade materna e o abuso do irmão imprimem nela uma sensação constante de desvalorização, refletida em sua dificuldade de estabelecer vínculos afetivos saudáveis. O espaço familiar, que deveria representar acolhimento e segurança, torna-se um território de opressão e silêncio, levando-a a reproduzir, em suas relações amorosas, a lógica de submissão e sofrimento. Esse trauma inicial molda sua subjetividade e estrutura sua forma de estar no mundo, revelando como a violência doméstica deixa marcas que se perpetuam nas dinâmicas afetivas e sociais.

Connell, por sua vez, manifesta um sofrimento de outra natureza, mais silencioso, mas igualmente devastador. Sua depressão e ansiedade emergem como respostas ao acúmulo de silêncios e à dificuldade de expressar fragilidades em uma sociedade que ainda associa vulnerabilidade à fraqueza. O episódio do suicídio de seu amigo intensifica esse estado de desamparo, evidenciando que a dor de Connell ultrapassa o nível pessoal e aponta para um mal-estar coletivo: uma juventude que carece de espaços de escuta, empatia e pertencimento.

Dessa forma, o romance revela que o trauma e a depressão vividos pelos protagonistas não são experiências isoladas, mas expressões de um contexto histórico mais amplo, marcado por séculos de repressão política, religiosa e emocional na Irlanda. O silêncio que atravessa suas vidas é também o silêncio de uma nação que, ao longo do tempo, aprendeu a ocultar suas dores sob o peso das tradições e da moralidade.

No segundo capítulo intitulado “Silêncio”, entendemos que ele atua não só como ausência de fala, mas como agente significativo que marca a história do povo Irlandês. Nesse ponto, chamamos atenção para o estilo de escrita de Rooney, uma escrita marcada pela introspecção, em que o silêncio funciona como operador central de sentido, revelando tensões afetivas e sociais que não se expressam diretamente na fala dos personagens. Diversos estudiosos apontam como Rooney mobiliza recursos da tradição modernista, retomando a exploração da consciência e a atenção às nuances psicológicas que caracterizam autores como Virginia Woolf e James Joyce, como mencionado na introdução desta análise. Tal influência se manifesta na alternância entre pensamentos internos e diálogos truncados, criando um movimento de aproximação e distanciamento típico da subjetividade moderna.

Observamos que o silêncio é herança e sintoma: reflete tanto a repressão de uma sociedade marcada pela influência moral da Igreja e pelo medo da exposição quanto a incapacidade dos indivíduos de nomear suas dores. Marianne e Connell manifestam o silêncio de formas distintas: nela, ele se apresenta como anulação da própria identidade e tentativa de apagar a subjetividade; nele, como bloqueio emocional e receio de falhar perante as expectativas sociais. No entanto, ambos encarnam os efeitos de uma cultura que valoriza a contenção e que, ao negar o trauma, perpetua o ciclo de sofrimento.

No capítulo "Tudo Começa em Casa" compreendemos as origens da vulnerabilidade emocional dos protagonistas. É no espaço doméstico, tradicionalmente idealizado como refúgio e segurança, que se instauram as primeiras fissuras: as violências, tanto simbólicas quanto físicas, sofridas por Marianne e o distanciamento afetivo vivenciado por Connell. Assim, entendemos que a casa é redefinida por Rooney não como um espaço de acolhimento, mas de silenciamento. O romance expõe, portanto, a família como núcleo de reprodução de traumas,

refletindo uma Irlanda que, historicamente, cultivou o silêncio e o controle dentro de suas instituições.

Por fim, ao entrelaçar silêncio, trauma e depressão à crítica das instituições familiares e sociais, *Pessoas Normais* questiona a própria possibilidade de formação em um mundo fragmentado. Assim, a obra de Rooney transcende o romance de amor e torna-se um espelho das feridas emocionais e estruturais da Irlanda moderna. *Pessoas Normais* propõe que o verdadeiro amadurecimento nasce do reconhecimento da dor e da tentativa de quebrar o ciclo de silêncios herdados. Ao transformar o trauma em linguagem e o cotidiano em espaço de resistência, Rooney convida à reflexão sobre o poder de reconstruir -se, individual e coletivamente, a partir do que foi historicamente silenciado.

REFERÊNCIAS

- ARIE, Sarah Maya M.; MANTLER, T. **Família acolhedora e o amadurecimento dentro das contribuições de Winnicott**. Ciências Humanas, Psicologia, v. 28, n. 135, jun. 2024.
- ARMIE, Madalina; MEMBRIVE, Veronica (org.). **Trauma, Memory and Silence of the Irish Woman in Contemporary Literature**. Routledge, 2023.
- BARROS-DEL RÍO, María Amor. **Irish Youth, Materialism and Postfeminism: The Critique behind the Romance in "Normal People"**. 2022.
- BARROS-DEL RÍO, María Amor. **Sally Rooney's Normal People: the millennial novel of formation in recessionary Ireland**. *Irish Studies Review*, v. 30, n. 2, p. 176–192, 2022.
- BARROS-DEL RÍO, María Amor. **The Ethics of Care in Sally Rooney's Novels: between self and other**. In: FOGARTY, Anne; O'BRIEN, Eugene (Eds). *The Routledge Companion to Twenty-First-Century Irish Writing*. Londres: Routledge, 2025, p. 103-115.
- BATISTA, Marco Antonio; OLIVEIRA, Sandra Maria de Oliveira Sales. **Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes**. *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 6, n. 2, p. 43-50, jul./dez. 2005.
- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. *Revista Psicopedagogia*, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011.
- BEVILLE, Maria; MCQUAID, Sara Dybris. **Speaking of Silence: Comments from an Irish Studies Perspective. The Rest Is Silence: Paradigms of the Unspoken in Irish Studies**, v. 11, n. 2, 2012, p. 1–20.
- BOLFARINE, Mariana. **O corpo em sofrimento e a Irlanda dos millennials em “At the Clinic”, de Sally Rooney**. *Letras de Hoje*, v. 58, n. 1, p. 1-13, jan./dez. 2023.
- BOM ANGELO, Bárbara Moreira. **Tempos e espaços da Irlanda: transformações do sujeito na crise do milênio em Normal People, de Sally Rooney**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2025.
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- BOURKE, Angela et al. (ed.). **The Field Day Anthology of Irish Writing**, vols. IV–V. Cambridge: University Press, 2002.
- BUFACCHI, Vittorio. **Ireland after the Celtic Tiger: A Study in Social Injustice**. In: FISCHER, Clara; MAHON, Áine (ed.). *Philosophical Perspectives on Contemporary Ireland*. New York: Routledge, 2020. p. 88–108.
- CANEDA-CABRERA, M. Teresa; CARREGAL-ROMERO, José (org.). **Narratives of the Unspoken in Contemporary Irish Fiction: Silences that Speak**. [S.l.]: [s.n.], 2023.
- CARREGAL-ROMERO, José. **Unspeakable Injuries and Neoliberal Subjectivities in Sally Rooney's Conversations with Friends and Normal People**. In: CANEDA-CABRERA, M.

Teresa; CARREGAL-ROMERO, José (org.). *Narratives of the Unspoken in Contemporary Irish Fiction: Silences that Speak*. [S.l.]: [s.n.], 2023.

CARVALHO RELVA, Inês; MONTEIRO FERNANDES, Otilia; ALARCÃO, Madalena. **Violência entre irmãos: uma realidade desconhecida**. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 46, n. 3, p. 375-383, set./dez. 2012.

CHAMBERS, Debora. **Representing the Family**. London: Sage Publications, 2001.

DIAS, Elsa Oliveira. **Família e amadurecimento: do colo à democracia**. *Revista Natureza Humana*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 144-162, jul./dez. 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FERREIRA, Rejane de Souza. **Voz e consciência narrativa: a percepção da família pela perspectiva feminina em três romances irlandeses**. 2014. 226 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4221/5/Tese%20Rejane%20de%20Souza%20Ferreira%20-%202014.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FISCHER, Clara; MAHON, Áine (org.). **Philosophical Perspectives on Contemporary Ireland**. Routledge, 2020.

FOGARTY, Anne. **The Horror of the Unlived Life: Mother-Daughter Relationships in Contemporary Irish Women's Fiction**. In: GIORGIO, Adalgisa (org.). *Writing Mothers and Daughters: Renegotiating the Mother in Western European Narratives by Women*. New York: Berghahn Books, 2002.

JUSTICE FOR MAGDALENES RESEARCH (JFMR). **About the Magdalene Laundries**. **Justice for Magdalenes Research**, 2024. Disponível em: <https://jfmresearch.com/home/preserving-magdalene-history/about-the-magdalene-laundries/>. Acesso em: 5 out. 2025.

JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin-Companhia, 2016.

MARKHAN, Ursula. **Trauma na infância: esclarecendo suas dúvidas**. São Paulo: Ágora, 2000.

MASS, Wilna Patrícia Maezarino Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORALES-LADRÓN, Marisol. **Portraits of Dysfunction in Contemporary Irish Women's Narratives: Confined to the Cell, Lost to Memory**. In: *Family and Dysfunction in Contemporary Irish Narrative and Film*. Oxford; Bern: Peter Lang, 2016. p. 29–83. DOI: 10.3726/978-3-0353-0805-1.

MURO, Alicia. **Damaged Women: Trauma, Shame and Silence in Sally Rooney's Conversations with Friends and Normal People**. In: ARMIE, Madalina; MEMBRIVE, Veronica (org.). *Trauma, Memory and Silence of the Irish Woman in Contemporary Literature*. Routledge, 2023.

ORLANDI, Eni Puccionelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

OPAS/OMS. **Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>. Acesso em: 03 out. 2024.

OPAS/OMS. **Depressão: dados e estatísticas mundiais**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao#:~:text=Em%20todo%20o%20mundo%2C%20estima,a%20carga%20global%20de%20doen%C3%A7as>. Acesso em: 03 out. 2024.

OPAS/OMS. **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em: 03 out. 2024.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. Tradução de Francisco Araújo da Costa. Grupo A Educação, 2022.

PAZ, Mauro Athayde. **Pessoas Normais, de Sally Rooney: um romance de formação no século XXI**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2023.

PICKLER, Cristiane Dandolini. **Depressão no gênero masculino**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, ano 4, ed. 8, v. 4, p. 86–97, ago. 2019. ISSN 2448-0959.

ROONEY, Sally. **At the Clinic**. *The White Review*, n. 18, 2016. Disponível em: <https://www.thewhitereview.org/fiction/at-the-clinic>. Acesso em: 11 mar. 2025.

ROONEY, Sally. **Beautiful World, Where Are You**. Londres: Faber & Faber, 2021.

ROONEY, Sally. **Belo Mundo, onde você está**. Trad. Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ROONEY, Sally. **Conversas entre amigos**. Trad. Débora Landsberg. São Paulo: Alfaguara, 2017.

ROONEY, Sally. **Conversations with Friends**. Londres: Faber & Faber, 2017. ROONEY, Sally. **Intermezzo**. Londres: Faber & Faber, 2024.

ROONEY, Sally. **Intermezzo**. Trad. Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

ROONEY, Sally. **Normal People**. Londres: Faber & Faber, 2018.

ROONEY, Sally. **Pessoas Normais**. Trad. Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura e trauma**. *Pro-posições*, v. 13, n. 3 (39), p. 135–153, set./dez. 2002.

SICHELERO, Guilherme Giotti. **Capítulos de História**. 1. ed. Porto Alegre: Ed. do autor, 2024.

SILVA FILHO, O. C. da; SILVA, M. P. da. ***Transtorno de ansiedade em adolescentes: considerações para pediatria e hebiatria. Adolescência e Saúde***, v. 10, n. 3, p. 31–41, 2013.
STREY, Marlene Neves. *Gênero, família e sociedade*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=> Acesso em: 20 set. 2024.

TOASSI, Danieli Graciela Fachini; CARVALHO, Chrissie Ferreira. **O impacto do transtorno de ansiedade generalizada nas funções executivas dos adolescentes**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 7, n. 11, nov. 2021. ISSN 2675–3375.

WARD, Margaret. **Unmanageable Revolutionaries: Women and Irish Nationalism**. 1983.

WIDYARATNA, Kishani. **Sally Rooney on Normal People**. *London Review Bookshop*, entrevista de 8 maio 2019. Disponível em: https://youtu.be/4jH_0rg46Es?si=T1g02YVQv__pyAU. Acesso em: 27 ago. 2024.

WINNICOTT, Donald W. **Família e desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ubu Editora; WMF Martins Fontes, 2023.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Cesar Sandler. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. [1928].

WOMEN'S AID IRELAND. **Relatório anual sobre violência doméstica na Irlanda**. 2023.

ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha Camargo. **Trauma e infância: considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 331-338, jul./set. 2015.